

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE JORNALISMO

***Franca: a cidade que respira
basquete no país do futebol***

Aluno : Fabrício Freire Gomes
Orientadora: Profa. Dra. Gilka Girardello

Florianópolis
Março/2002

Sumário

Apresentação.....	04
Franca, Capital do Basquete..... <i>Apesar de ser paulista, Franca parece uma típica cidade mineira. Duas coisas a tornaram conhecida internacionalmente: a força do setor calçadista e a paixão pelo basquete.</i>	05
Quando o Basquete era Bola ao Cesto..... <i>A vinda de uma bola em 1928 é o início da tradição francana. Sem qualquer técnica ou estrutura mínima, um grupo de meninos ajudou a difundir o basquete no interior do país.</i>	07
O Pai de Tudo..... <i>Idealista, vibrante, corajoso, humilde, incansável e desbravador. Essa são algumas das muitas características de Pedroca, o maior esportista e educador que Franca já teve.</i>	12
Instituto de Educação: o Berço do Basquete..... <i>Incentivados por Pedroca, alunos da escola passaram a levar o basquete a sério. Com outros entusiasmados, a representatividade da cidade começou a ganhar força..</i>	20
A conquista do Brasil..... <i>No final dos anos 50, o IETC não conseguia comportar mais a paixão da cidade. Surgiu o Clube dos Bagres, que é a primeira equipe de Franca que se inscreveu na Federação.</i>	25
Surgem os Irmãos Metralha..... <i>Hélio Rubens, Totô e Fransérgio lideraram Franca nas primeiras conquistas nacionais. Os Irmãos Metralha recusaram várias propostas "milionárias" de clubes de São Paulo.</i>	33
Auge de organização..... <i>Com a entrada do Amazonas, iniciou o período profissional do basquete francano. Com sete jogadores da seleção, Franca conquistou o vice-campeonato mundial em 1975.</i>	40
Do futebol para o basquete..... <i>Para não deixar a equipe sucumbir, futebol e basquete se misturam na Francana. Apesar da saída de alguns jogadores, a equipe conquistou mais um vice mundial em 1980.</i>	44
Depois da crise, novas conquistas..... <i>Durante sete anos, Franca não sentiu o sabor de grandes conquistas. Para acabar com esse jejum, a Ravelli assumiu o time em 88 e retomou a trajetória de glórias da cidade.</i>	49
Projeto mal compreendido..... <i>Criar uma segunda equipe na cidade para poder absorver mais jogadores. A partir dessa idéia surgiu o Yara, que após uma crise de vaidades, acabou se mudando de cidade.</i>	52

Entre altos e baixos.....	57
<i>A saída dos principais jogadores da equipe após cada grande conquista é o que melhor caracteriza Franca nos anos 90. A principal causa disso é a falta de um patrocínio forte.</i>	
Desafios fora de quadra.....	63
<i>Apenas o envolvimento da cidade não está sendo mais suficiente para Franca se adaptar ao esporte capitalizado. Uma organização mais profissional pode ser a saída da equipe.</i>	
Vidas ao basquete.....	66
<i>Dezenas de entusiastas dedicaram suas vidas ao basquete de Franca. Vale a pena conhecer algumas dessas pessoas que se tomaram parte do sucesso da equipe</i>	
Base do Futuro.....	76
<i>A quantidade de escolinhas de basquete em Franca é a certeza que a cidade vai manter sua tradição de formar grandes jogadores. Ao todo, são mais de 1.250 novos praticantes.</i>	
As Francanas querem mais apoio.....	80
<i>A visão do basquete como um esporte masculino explica o incentivo diferenciado a meninos e a meninas. Resta às francanas se destacarem como torcedoras.</i>	
Chama que não se apaga.....	81
<i>O basquete é uma paixão que passa de pai para filho há várias gerações em Franca. O conhecimento aprofundado dessa torcida continua sendo o diferencial da equipe.</i>	

Apresentação

Quem conhece ou gosta um pouco de basquete já deve estar cansado de ouvir o nome de Franca. Mas o que existe de tão especial nessa cidade do interior de São Paulo? Ela vive o basquete assim como o restante do país vive o futebol. Aquela imagem de filme norte-americanos em que rapazes ficam jogando basquete nas ruas pode ser facilmente vista em Franca. A paixão por esse esporte passa de pai para filho há três ou quatro gerações. Apesar de já ter mudado de nome várias vezes, a equipe é a única que participa ininterruptamente dos campeonatos da Federação Paulista de Basquete e da Confederação Brasileira de Basquete há mais de 40 anos.

Quem quer saber mais sobre essa paixão francana, vire a página. Você vai voltar até 1928, quando um grupo de entusiasmados francanos roubavam tijolos nas construções da cidade para construir a primeira quadra de "bola ao cesto". A partir daí vai passar pelos primeiros jogos, as barreiras vencidas, os principais personagens, as grandes conquistas, os jogadores inesquecíveis, as dificuldades atuais, a explosão das escolinhas de basquete e muito mais. Tudo para entender o porquê de Franca ser conhecida como a Capital do Basquete.

Franca, Capital do Basquete

Franca está colada na fronteira de São Paulo com Minas Gerais. Apesar de ainda estar em terras paulistas, o "uai" e o queijinho mineiro caracterizam a cidade. Foi fundada em 1805 por migrantes de Minas, desanimados pelo esgotamento do ouro das Gerais. O nome da freguesia foi uma homenagem ao então governador da Capitania de São Paulo, Antônio José da Franca e Horta. A história conta que D. Pedro II, viajando pela região, apaixonou-se pelo clima quente e seco e pousou algumas noites na cidade. Desde então, seus moradores a chamam de Franca do Imperador.

Outra característica da Franca - essa forma no feminino é como os moradores gostam de se referir à cidade - é o gosto pela música sertaneja. Não há emissora de rádio que fuja disso. Foi esse entusiasmo que impulsionou a carreira nacional das duplas locais Gian e Giovani e Rio Negro e Solimões.

Com quase 300 mil habitantes, a cidade é um importante pólo calçadista. Considerada produtora de um dos melhores sapatos do mundo, Franca possui aproximadamente 430 indústrias que empregam dezenas de milhares de trabalhadores. Por tudo isso o título de Capital do Calçado é mais do que merecido.

Outro motivo de orgulho e reconhecimento internacional é o basquete. Na "Pátria de Chuteiras", essa cidade do interior se diferencia do restante do país. É verdade que em Franca também há espaço para a paixão nacional, mas ali o que realmente impulsiona o esporte é o basquete. A cidade parece ter saído de um filme norte-americano. A relação com o esporte criado nos Estados Unidos em 1892 por James A. Naismith é visível por todos os cantos. Nas ruas há centenas de tabelas espalhadas, que variam desde modelos comprados até as construídas domesticamente, aproveitando madeiras e sobras de ferro. No estacionamento do único shopping center há uma quadra de basquete, onde sempre se vê uma turminha de calções largos em cores fortes, tênis de cano alto e camisa regata, que pode ser de um time da NBA, da equipe de Franca ou de uma das várias escolinhas de basquete. No centro, o Restaurante Barão, com fotos e pôsteres de

jogadores de basquete de Franca e do Mundo, atraem os aficionados desse esporte. Até em cima das lixeiras espalhadas na cidade foram colocadas tabelinhas de basquete, de forma que quando alguém joga uma latinha ou um papel de bala é como se estivesse sendo feito uma cesta.

Franca é a equipe brasileira com o maior número de conquistas: 261 títulos, sendo nove paulistas, onze brasileiros, seis sul-americanos e quatro panamericanos. Só faltou o campeonato mundial. Mesmo assim, a equipe trouxe dois vice-campeonatos, em 1975 e 1980.

Já existiram no país grandes equipes que, após um período de auge, incluindo até conquistas internacionais, acabaram desaparecendo. Não é o caso de Franca, que desde o final da década de 50 é a única equipe de ponta que participa ininterruptamente dos torneios regulares da Federação Paulista de Basquete (FPB) e da Confederação Brasileira de Basquete (CBB), apesar de ter mudado de nome várias vezes. Mesmo nos períodos de crise, que quase levaram ao fechamento do Franca Basquetebol, uma nova safra de jogadores surgia na própria cidade e isso era o suficiente para não só manter a equipe, mas também continuar a tradição de finais e conquistas.

É essa paixão da cidade que levou Franca a ser conhecida como a Capital Nacional do Basquete. Muitos jornalistas especializados, técnicos e jogadores concordam que Franca é a única cidade do Brasil que possui uma filosofia de jogo. "É algo diferenciado do restante do país, que foi sendo construído em mais de 40 anos, e que independe do jogador que está em Franca. Está impregnado na cidade", analisa Pipoka, um dos mais veteranos jogadores de basquete hoje no Brasil e que está atualmente na equipe da Uniara, em Araraquara. Pipoka explica ainda que já viu muitos jogadores mudarem o jeito de encarar e falar sobre o basquete quando se tornaram "francanos".

O colunista Melchiades Filho, da Folha de São Paulo, considera Franca como a única cidade do país em que o basquete é o esporte mais popular. Para o jornalista a maior importância de uma cidade como Franca é que não importa o que ocorra no esporte nacional, o basquete sempre terá um refúgio no país. Esse reconhecimento de Franca não é de agora. No início da década de 80, o jornalista

Juarez Araújo já escrevia na Gazeta Esportiva: “Falar em basquetebol no Brasil sem colocar o nome de Franca na conversa é a mesma coisa de se comentar futebol sem lembrar Pelé”. Como essa paixão começou?

Quando o Basquete era Bola ao Cesto

Essa tradição francana vem sendo construída desde o início do século XX. Um jornal de 1908 já noticiava a realização em Franca de uma partida de *bola ao cesto* – forma como o basquete era conhecido até a primeira metade do século XX. Mas o grande impulso veio em 1928, quando o jornalista José Cyrino Goulart levou para Franca uma bola de basquete de São Paulo. “Sinhô” Goulart nasceu em 1899 em Franca e foi um dos fundadores da *Associação Atlética Francana* em 1912. Apesar de não praticar nenhuma modalidade, sempre foi muito ligado aos esportes, principalmente ao atletismo e ao bola ao cesto. Além dos esportes, esse jornalista também sempre foi muito ligado ao desenvolvimento cultural da cidade. Durante várias décadas escreveu no *Jornal Comércio da Franca* a coluna “Ondas, Palcos e Telas”. O nome do Teatro Municipal é uma justa homenagem a esse francano que faleceu em 1983.

A volta de Goulart em 1928 coincidiu com a criação da *Escola Francana de Cultura Física*, fundada pelo Professor David Carneiro Ewbank. Nessa escola um grupo de jovens realizava exercícios de ginástica e alongamento todas as manhãs, a partir das seis horas, antes de ir para a escola ou o trabalho.

Foi desse pessoal que Goulart se tornou o “técnico”, dando origem à primeira equipe de bola ao cesto de Franca, que passou a disputar jogos em cidades da região, como Batatais, Ituverava e Igarapava. Faziam parte desse grupo pioneiro: Leonel Faccioli (Molecão), Conceição Rodrigues (Pisca), Luiz Domingos (Azogue), Raul Pereira Batista (Peru), Gino Balerini (Galego), Serafim Borges do Val (Físico), Alfredo Henrique Costa e Francisco Garcia do Nascimento (Cachoeira). Vale lembrar que esse último estava iniciando, sem saber, a trajetória de uma das principais, senão da maior família de basquetebolistas do país. Seu Chico Cachoeira, como ficou carinhosamente conhecido na cidade, se tornaria pai

dos “Irmãos Metralha” Totô, Fransérgio, Hélio Rubens e avô do Helinho, que em 2001 foi considerado o melhor jogador da Liga Nacional.

Para os treinamentos dessa equipe inicial, os amigos de Chico Cachoeira precisavam de uma quadra. A primeira foi construída no final da década de 20 bem no centro da cidade, onde hoje é o Banco do Brasil. O local era uma construção demolida e ainda havia muito entulho. Os rapazes pegavam enxadas, carrinhas e ferramentas dos pais e levaram vários domingos para recolher tudo. No chão batido faziam com cal as marcações das linhas e do garrafão. Os cestos foram feitos de ferro na Escola Profissional. Com a quadra pronta, decidiram que era preciso fazer os “chuveiros”, que correspondiam aos vestiários de hoje. Sem dinheiro para a compra do material, a solução encontrada pelos rapazes foi recolher tijolos das construções da cidade. Toda a madrugada saíam para correr e cada um voltava com três ou quatro. No próprio grupo que fazia ginástica e jogava basquete, havia pedreiros e até um encanador, que se encarregaram da construção.

Entusiasmados, começaram a jogar o basquete, mas sem muita informação. A única coisa que liam eram os jornais de São Paulo, que de vez em quando falavam alguma coisa das equipes da capital e do Oscar Paolillo – um dos principais destaques do basquete paulista nos anos 20, que jogava no Palmeiras e na Seleção Brasileira. O próprio técnico Goulart, apesar de entusiasta, não conhecia profundamente as técnicas do jogo, tanto que não deixava os jogadores entrarem no garrafão para arremessar. Ao contrário do basquete de hoje, em que os cinco jogadores atuam tanto na defesa como no ataque, essa equipe inicial de Franca jogava com três no ataque e dois na defesa. Os da frente perdiam a bola e não voltavam, e os “beques” nunca passavam do meio da quadra. Esses precursores do esporte francano ficaram jogando esse basquete rudimentar até o final da década de 20, quando Oscar Paolillo veio visitar Franca a negócios e decidiu conhecer a Cultura Física. Fez uma demonstração, brincou com os francanos, ensinou que se podia entrar no garrafão, deu algumas revistas especializadas para o Goulart e se tornou amigo do pessoal.

O jogo, na primeira metade do século XX, era muito diferente do que é hoje. A bola era muito pesada e feita em gomos, como as de futebol. Enchiam a bola, colocavam o bico para dentro do couro e com uma agulha própria costuravam essa entrada com o tento, que era um cordão feito também de couro. “As bolas duravam bastante, mas tinha que costurar sempre” lembra Mário Latorraca, que foi jogador e juiz de bola ao cesto de Franca na década de 30.

Os placares dos jogos oficiais dessa época eram muito baixos. A principal causa era a ausência de técnicas de arremesso e táticas de jogo. A não contagem do limite máximo de 30 segundos de posse de bola e a inexistência da cesta de três pontos também contribuíam para que os placares circulassem por volta dos 20 pontos. Mais que 40 pontos era um placar absurdo para a época. “Para fazer um cesto era uma dificuldade tremenda. Parecia até que a bola era maior que o cesto” explica Juca Vilhena, um dos maiores colaboradores do basquete francano – hoje com 86 anos, foi jogador, dirigente, entusiasta e é torcedor apaixonado.

Em 1929, Franca foi convidada a participar do desfile de Sete de Setembro em São Paulo. Além da Cultura Física, foram as meninas da Escola Normal e os rapazes do Tiro de Guerra. A turma do basquete se reencontrou com o Oscar Paolillo, que os convidou para fazer um treino com os juvenis do Palmeiras. O pessoal de Franca entusiasmado com a forma de jogar que viu, voltou para casa e decidiu começar a jogar mais contra as equipes da região.

Para entusiasmar a garotada, Goulart decidiu colocar uma taça em disputa e marcou duas partidas contra Batatais. Vencido o primeiro jogo na cidade vizinha, começou a preparação para o jogo de volta em Franca. Num desses treinos, Goulart trouxe maçãs e pêras para serem disputadas entre trios. Um ficaria na defesa, outro no ataque e vice-versa. Uma equipe era formada por Luiz, Peru e Gino e outra por Cachoeira, Físico e Molecão.

Num lance Peru, que era o melhor jogador da época, passa uma bola errada para Gino e este reclama excessivamente. Peru avisa que não joga mais com Gino. Molecão e Pisca decidem aderir à decisão de Peru. Desesperado, Goulart decide tirar Gino da equipe e coloca Cachoeira no lugar.

Franca ganhou a segunda partida contra Batatais, mas a taça desapareceu. À noite, houve uma recepção no Hotel Imperador para a equipe visitante. Gino Balerini – pivô da confusão - foi convidado, mas a maioria do pessoal que jogou por Franca, não. Físico, Pisca, Peru, Cachoeira e Molecão acharam aquilo um desaforo, motivo suficiente para abandonar a Cultura Física. A saída deles marcou o encerramento da equipe da Cultura Física, que em três anos nunca perdeu uma partida.

Sem vontade de parar de jogar, esse grupo dissidente resolveu procurar uma forma de apoio na cidade, e em 1931 foi criada a equipe da Chevrolet. Surgiu também a equipe do Rio Branco, liderados por Gino e pelos irmãos Archetti. Com a criação desses times, mais a Escola Profissional, a Francana e o Sírio, surgiu a *Liga Francana de Bola ao Cesto*, comandada pelo Professor Henrique Alfredo Costa e José Cyrino Goulart. A final do primeiro campeonato foi disputada no dia 16 de agosto de 1931 entre a Chevrolet e o Rio Branco, no estádio da Francana. Antes da partida principal, havia uma preliminar entre os reservas, que eram conhecidos como "o segundo quadro". O juiz dessa decisão era Alfredo Costa, mas de última hora houve uma mudança e Goulart –sempre ele! - entrou para apitar. A vitória ficou com o Rio Branco, que era composto por: 1º. quadro – Magalini, Geraldo, Carmo, Nicola e Gino. 2º. quadro – Paulo, Salim, Widelwick, Aron e Wady.

Leonel Facioli, hoje com 92 anos, é o único dessa equipe inicial que ainda está vivo. Completamente lúcido, relembra quando a equipe do Chevrolet ficou sabendo da modificação do juiz. "Na hora o Peru falou que iríamos perder o jogo. Ainda no primeiro tempo eu já havia sido expulso pelo limite de faltas. Fiquei tão aborrecido e como já estava noivo, decidi abandonar o basquete".

Mesmo com o fechamento da equipe Chevrolet e os afazeres profissionais Molecão, Peru e Conceição não pararam com o esporte. Apesar de afastados das competições, todos os finais de semana eles brincavam com os meninos do bairro do Piratininga, e foi lá que Naim Cury de Mello, um dos principais destaques

individuais do esporte francano na primeira metade do século, teve o seu primeiro contato com o bola ao cesto.

Aprendendo a fazer o gancho com o Peru, Naim foi para São Paulo estudar Educação Física no Colégio Mackenzie, no final da década de 30. Começou a se destacar nas equipes de bola ao cesto, tanto que, quando se formou, a diretoria não o deixou voltar para Franca e o contratou como professor, para que pudesse continuar jogando pela equipe. Em 1940, Naim foi escalado para a equipe paulista que foi campeã brasileira. Esse ano foi significativo do crescimento do basquete francano em nível estadual. Além de Naim, mais três francanas foram campeãs brasileiras, representando o estado de São Paulo. São elas: Maria Helena Rosa Barbosa e as irmãs Rute e Laís Pandolfi. Naim ainda jogou no E.C Sírio em São Paulo. Mas antes das conquistas na capital, Naim representou Franca nos primeiros Jogos Abertos do Interior em Monte Alto, em 1936.

Nesse campeonato, Franca foi representada pelos rapazes da Escola Profissional, que, com o esvaziamento da Liga Francana, passaram a ser praticamente os únicos representantes do bola ao cesto na cidade. A participação de Franca no primeiro grande torneio importante do interior mostrou o reconhecimento que o basquete da cidade já possuía. Em todo interior apenas nove cidades foram chamadas. Seis aceitaram o convite: Monte Alto, Olímpia, Uberlândia, Casa Branca, Piracicaba e Franca.

A viagem para Monte Alto foi de trem. Os francanos ficaram alojados numa pensão improvisada. O forro era de pano e as camas tinham vindo de asilos e orfanatos. Para fazer as refeições, os jogadores iam para outra pensão. A quadra em Monte Alto era descoberta e de chão batido. As partidas ocorriam apenas de dia, devido à falta de iluminação. Durante os três dias dos jogos, choveu muito e as partidas tiveram que ser canceladas várias vezes. Quando começava a chover, todos corriam para as pensões e ficavam esperando a chuva passar. Para saber que os jogos iam recomeçar soava uma sirene, que se ouvia em toda a cidade.

Outra dificuldade era a comunicação com Franca. Para avisarem do desempenho nos jogos eles tinham que usar o rádio amador ou ir à estação da cidade passar um telegrama. Naquele tempo cada equipe tinha que levar o seu

juiz. Mário Latorraca, que foi o juiz de Franca em Monte Alto recorda como era. "Foi só alguns anos depois é que começaram a vir juizes de São Paulo. Antes, era sempre um juiz do time visitante e outro da equipe local".

Apesar de todas essas adversidades, a estréia de Franca foi uma vitória contra o time de Olímpia pelo amplo placar de 32 a 21. No jogo seguinte foram derrotados por Uberlândia, que acabou se sagrando campeã. Franca terminou em terceiro lugar e conquistou a taça Folha da Manhã. A equipe que jogou em Monte Alto: Walter Costa, Magno Shcherolli, Naim Cury de Mello, Olavo Facioli, Ivon Barbosa, Anis e Lito Aidar, Carlos Gomes Alves e José Alcântara Vilhena, o Juca Vilhena.

A partir dessa conquista, o bola ao cesto nunca mais parou, mesmo ficando mais entre amigos dentro da cidade e se apresentando em amistosos na região. Mesmo no período da 2ª. Guerra Mundial, o gosto pelo basquete continuou a ser cultivado, principalmente pelos filhos dos pioneiros dos anos 30. Em 1939, a Associação Atlético Francana transformou a quadra de saibro de tênis em uma quadra de basquete, e a equipe da Profissional passou a treinar lá. Outro forte reduto do esporte na cidade eram as escolas. Em 1942, no Campeonato Colegial realizado no Pacaembu, em São Paulo, Franca foi representada pela Escola Normal e se sagrou vice-campeã. Dois anos depois, um torneio intermunicipal reuniu as equipes do Tiro de Guerra, a A. A. Francana, a Escola Profissional, o Colégio Champagnat e o Instituto de Educação Torquato Caleiro (IETC), que com o grande incentivo do professor Artur Ewbank, acabou sendo o campeão. E foi nesse ritmo lento que o esporte prosseguiu na cidade até que a vinda de um certo homem para Franca em 1951 trouxe uma nova visão. Juca Vilhena define esse momento histórico: "Pedroca trouxe o basquete para Franca. Acabou o bola ao cesto".

O Pai de Tudo

Pedroca, como ficou conhecido entre os francanos, era Pedro Murilla Fuentes. Sua vinda para Franca foi meio ao acaso. Nascido em São Paulo em

1929 e descendente de espanhóis, cursou Educação Física na USP, onde conheceu Vitório Bartocci (Tuti), um jogador de futebol da Franca, e o professor Artur Ewbank. Esses dois francanos passaram a influenciar o jovem professor, falando sobre o apego que Franca tinha pelos esportes, e, sobretudo, pelo bola ao cesto. Assim, mesmo sem nunca ter ouvido falar daquela distante cidade do interior, mas empolgado com o desafio e com a paixão pelo esporte, Pedroca chegou em Franca já como dono da cadeira de professor de Educação Física do IETC.

Na chegada, ficou apavorado com as diferenças de costumes. Não entendia por que, como em todas as pequenas cidades do interior nos anos 50, moças e rapazes ficavam dando voltas na Praça Central. Freqüentemente viajava para o Litoral e, para fugir do marasmo quando estava em Franca, preenchia seu tempo com dedicação aos treinamentos esportivos, mesmo depois das aulas. Para tornar possíveis os treinos de atletismo, preparou a primeira pista na cidade, com a ajuda de um professor da USP.

Apesar da pista e da especialização em atletismo, Pedroca passou a ser um estudioso de outra modalidade: o basquete. Ele via o entusiasmo dos alunos da escola com esse esporte. Muito dedicado e observador, fez um curso intensivo de técnicas de basquetebol em São Paulo e depois nunca mais parou. Participou de diversas clínicas de especialização em países como Espanha, Portugal, Iugoslávia, Itália e Argentina. Dinâmico e criativo, desenvolveu um método revolucionário. "Chegou a um ponto de técnica que transcendeu o entendimento dos jogadores. Virou o filósofo do basquete" resume o ex-jogador Anginho, que hoje é o dentista Ângelo Cisoto Gianechinni.

Hélio Rubens, técnico da seleção brasileira e que sempre teve Pedroca como técnico, define sua filosofia de trabalho. "Era um visionário. Ninguém entendia quando ele falava que não era para deixar o jogador adversário pensar e que o basquete se resumia a saltar e correr". Hoje é o conceito mais moderno de basquete, já que quem não pensa, faz no improviso e está mais sujeito a erros. Marcar a linha do passe, marcação mista – utilizar simultaneamente a marcação por zona com a individual - eram coisas que Pedroca já fazia há mais de 40 anos.

Há um bom exemplo desse conhecimento avançado para a época. Em 1971, ele foi ser assistente técnico da Seleção Brasileira. O técnico era o bicampeão mundial em 59 e 63, Togo Renam Soares, conhecido internacionalmente como Kanela. Ele era do Rio de Janeiro, e chamou dois jogadores do Flamengo, que eram bons, mas não em nível de seleção. Pedroca não se conformou com essas convocações por apadrinhamento e exigia a presença de Fausto e Fransérgio, que estavam surgindo com destaque na equipe francana. Sem conseguir convencer o técnico, começou a mandar cartas para o Presidente da CBB, Almirante Paulo Meira. Pedroca deu várias declarações e a polêmica passou a circular nos grandes veículos de comunicação. Para resolver o impasse, o almirante Meira convocou Kanela e Pedroca para um debate na presença da diretoria da CBB e dos técnicos das principais equipes do país. A explanação começou por Kanela, que defendeu sua posição durante cinco minutos. Chegou Pedroca e iniciou explicando a função dos alas no contra-ataque do basquete moderno. Apresentou esquemas e após 40 minutos de entusiasmo e didatismo, o Almirante Meira encerrou a sessão. "Não preciso ouvir ninguém. Estão convocados Fausto e Fransérgio. Minha decisão é irrevogável". O Brasil foi campeão sul-americano invicto, com Fausto sendo eleito o melhor jogador do campeonato e Fransérgio a revelação.

Pedroca esteve diversas vezes a serviço da seleção. Participou das Olimpíadas de 1972 em Munique, e 1980 em Moscou. Na primeira foi assistente técnico do Kanela, e na segunda, auxiliar de Cláudio Mortari. Seu grande resultado foi a conquista do Panamericano de Cali, em 1971, quando era auxiliar do técnico Edson Bispo. Em sul-americanos foi o técnico em dois vice-campeonatos e auxiliar no título de 1971.

Mas nem nesses períodos Pedroca esquecia de Franca. Numa dessas convocações da seleção, ele já estava há mais de um mês treinando em São Paulo. Quando descobriu que seus meninos iam fazer dois jogos - um em São Bernardo e outro em São Caetano do Sul - não deu outra: numa escapada, Seu Pedro apareceu em um treino da equipe francana, pegando todos de surpresa.

Como Franca nunca tinha nem os melhores jogadores, nem os melhores arremessadores, a saída encontrada por Pedroca foi desenvolver a defesa. 40 anos atrás, os meninos do Seu Pedro já faziam marcação dupla e da linha de passe, misturavam defesa por zona com individual e, enquanto a maioria das outras equipes usava apenas os três jogadores mais altos no rebote, Franca ia com todos, o que propiciava a saída de contra-ataque. Nessa hora, “os baixinhos do interior” conseguiam sair mais rápido, devido à estatura.

Para essa ênfase na velocidade, Pedroca começou a usar técnicas de atletismo nos treinamentos. Fazia os jogadores descerem e subirem os degraus da arquibancada, tanto de frente, quanto de costas, além de levarem pesos de até 10 quilos. Quando os francanos iam para a quadra, tinham uma impulsão absurda, além de uma resistência física de fazer inveja aos outros jogadores.

Como a maioria dos jogadores desse período inicial era interessada em basquete, mas não tinha muito conhecimento do jogo, Pedroca começou do zero e passava muito tempo ensinando desde como pegar na bola, fazer o movimento do jump certinho e o treinamento dos passes longos. Não dava atenção apenas para com os bem-dotados, muito pelo contrário. Às vezes chegava ao treino e via algum menino batendo bola com alguma dificuldade. Antes de qualquer recomendação ao grupo, começava a trabalhar individualmente com aquele. Chegava a ficar meia hora treinando passe até que o jogador fizesse o movimento correto. Muito entretido, o técnico esquecia o restante do grupo que, após um tempo, já nem se surpreendia mais com esse método, e aproveitava aquele “tempo perdido” para ficar fazendo joguinhos.

A dedicação de Pedroca ao basquete transpôs o limite das quadras. Muitas vezes, ele chegava correndo ao treinamento vindo de outros compromissos. Não tinha tempo de trocar de roupa e vinha em trajes sociais. Tirava apenas o sapato e ficava o treino todo andando de meia pela quadra. Passou a respirar jogos, táticas e fundamentos 24 horas por dia. Anotava tudo em um cademinho ou mesmo em uma folha de papel. Passava horas fora do ar, solitário com suas anotações. Na véspera dos jogos importantes não conseguia dormir. Ficava fazendo palavras cruzadas e tinha constante ânsia de vômitos, por ansiedade. Era comum ficar sem

comer, sem tomar banho, apenas pensando. O papel era pouco para sua mente. Diminuí a o tamanho da letra, virava a folha, escrevia em todos os cantos, até que aquilo se tomasse uma mensagem praticamente indecifrável, mas não para ele. Com o papel em mãos, ele vinha para perto dos jogadores e começava a fazer a explanação, fosse onde fosse. Às vezes o jogador estava no banho, ou cansado no vestiário, e Pedroca chegava empolgado, falando de determinado lance ou do que estava faltando. Uma das maiores decepções da vida dele foi quando, no Panamericano da Colômbia em 71, o cademinho desapareceu. Ali estava tudo anotado, não só sobre sua equipe, mas também sobre como as adversárias se comportavam. Roberto José Correia, o Robertão, hoje com 53 anos, relembra essa passagem. "Pedroca ficou atordoado. Andava meio cabisbaixo, dizendo que tinha sido uma das piores coisas que havia acontecido na vida dele".

O técnico era tão vidrado no jogo, que muitas vezes esquecia de fazer substituições. Os jogadores esgotados em quadra pediam para sair e entrava outro saído do banco, sem Pedroca nem ver. Além da concentração excessiva, o técnico não gostava de modificações, também para não melindrar os jogadores. Fausto Cisoto Gianechinni, um dos melhores jogadores de basquete de Franca em todos os tempos, lembra uma partida contra o Vasco da Gama, quando jogou muito mal o primeiro tempo, errando muitas bolas e anotando apenas cinco pontos. O jogador entrou chateado no vestiário e Pedroca passou do seu lado: "Calma que você vai entrar logo no jogo". Fausto ficou em quadra o segundo tempo inteiro e acabou marcando 26 pontos.

O fato de Pedroca ter ficado mais de 30 anos no comando da equipe contribuiu para que essas suas táticas acabassem se confundindo com a própria história do basquete francano. Apesar dessa identificação com Franca, Pedroca não vivia em um círculo fechado. Achava que as novidades técnicas não eram propriedade de ninguém. Antônio José Paterniani, mais conhecido como Tom Zé, hoje técnico da Uniara, lembra que uma vez pediu ao Pedroca – na época a serviço da Seleção Brasileira – que não ensinasse as táticas de Franca lá, senão muitos jogadores saberiam o que fazer em futuros jogos contra Franca. A resposta foi imediata: "As jogadas são universais, mas os movimentos são diferentes. São

os jogadores e o comando que destoam". Para Pedroca, a visão global do esporte era muito maior que o sentido competitivo. Ele via a vitória como a consequência de um trabalho, e não sua causa. O seu respeito ao esporte ultrapassava todos os padrões normais. Por diversas vezes, quando Franca estava ganhando por ampla vantagem de equipes pequenas, ele pedia para segurar o jogo e até colocava os reservas. "Não vamos desanimar os meninos". Sempre repetia que saber ganhar é mais difícil do que saber perder.

Ser o "eterno" técnico de basquete de Franca – de 1951 até 1983 – foi apenas uma faceta do Pedroca. Ele era antes de qualquer coisa um educador. Usava o esporte como um meio social de formação e humanização. Falava a todos o que tinham que ouvir e não o que gostariam. Queria formar primeiro o homem e depois o atleta. Não se restringia ao basquete, e ficava bravo com os pais que chegavam até ele e exigiam que tomasse o filho um craque. Sempre dizia: "Vamos ensinar um pouco de futebol, vôlei, basquete, handebol, atletismo e ginástica. Se depois virar um Hélio Rubens, muito bem. Se não, praticou esportes".

Com um total conhecimento acadêmico do desenvolvimento ósseo e da parte muscular, aproveitava as potencialidades de cada um. Tanto que os alunos do IETC não se destacavam apenas no basquete. Em 1964, a escola foi campeã colegial do interior em ginástica olímpica e handebol. Nessas modalidades, Pedroca fazia um treinamento diferente do basquete. Sem um conhecimento profundo dos fundamentos, mas com uma sensibilidade muito grande, Pedroca deixava os meninos bem à vontade e os resultados saíam na tentativa, entre erros e acertos. O professor só dizia: "Eu não sei como se faz isso, mas assim não está bom. Vamos tentar de novo". Antônio Luiz Moge, campeão tanto de ginástica quanto de handebol, recorda que, apesar desse tratamento menos especializado, Pedroca estava sempre por perto e acompanhava todas as viagens e exposições das equipes de ginástica do IETC.

Com acentuado senso de civismo, Pedroca realizava apresentações no Dia da Pátria com uma organização inimaginável para o período. Era algo tão grandioso que apenas os alunos do IETC não eram suficientes. Então ele pegava

grupos de alunos de outras escolas e até de outras cidades vizinhas, como Pedregulho e Restinga. Durante três meses, treinava mais de trezentos alunos. Na data esperada, o Estádio do Palmeirinha ficava lotado, e todos se emocionavam com a sincronia da marcha, com os painéis vivos que faziam o mapa do país e se agrupavam para escrever frases como "Viva o Brasil". O técnico era tão entusiasmado, que mesmo no desfile das outras escolas acompanhava os alunos, entrando no gramado e marchando junto com sua voz vibrante: "Levanta a cabeça, estufa o peito e vai...".

Para recompensar e incentivar os alunos a se empenharem nessas apresentações, Pedroca sempre organizava campeonatos internos nos últimos meses do ano. Isso criava uma relação que transcendia a de professor e aluno. "Hoje tem aluno que até forja atestado para não fazer Educação Física. Com o Pedroca era o contrário. A molecada rezava para não chover no dia da aula. Mas mesmo se chovesse todo mundo ia, pois sabia que ele ia improvisar um educativo" explica o radialista Valdes Rodrigues.

Outra característica comum em todas as atividades do Pedroca era sua humildade. Nunca falava nada em seu nome e sempre implantou a idéia de trabalho em grupo. Não deixava florescer o estrelismo. Usava, se preciso, a braveza e o rigor da ascendência espanhola, mas nunca em benefício próprio. Gostava de dividir as responsabilidades. Dava a chave da escola para os estudantes e, em troca, estes pintavam a quadra, trocavam a tabela, cuidavam do uniforme. "Isso dava força de empenho, porque víamos que a decisão era nossa também" conclui Hélio Rubens.

Tratava todo mundo com respeito. Chamava todos os alunos de "senhor". Quando a criança era muito pequena, e até ficaria ridículo ser chamada de senhor, ele a chamava de Chinim, que também era uma forma carinhosa. Só quando se sentia bem à vontade com a pessoa é que a tratava por "você". "Fui chamado a vida inteira de 'senhor' pelo Pedroca, mas fiquei realmente honrado quando ele começou a me chamar de 'você'" explica Antônio Moge, que mesmo depois de sair do IETC continuou amigo do antigo professor e técnico.

Todo esse empenho e dedicação acabaram deixando sua vida pessoal em segundo plano. "Perdeu muito com a dedicação ao esporte, inclusive a família" analisa o radialista Jovassi Dias, que há quase 40 anos acompanha a equipe de basquete de Franca. Vários outros entrevistados apontam o envolvimento com o basquete como a principal causa da separação entre Pedroca e Daicy Sodré Fuentes, com quem teve duas filhas. Quando estava se retirando do basquete, ele se casou pela segunda vez com Luiza, com quem teve mais dois filhos.

Foi essa companheira que o amparou no seu último grande desafio: um câncer renal, que foi combatido por cerca de dois anos. Apesar da doença e de se ter afastado oficialmente do basquete em 1983, acompanhou seus pupilos até o fim. Em um sábado de manhã, menos de um dia antes da sua morte, Pedroca recebeu a visita de Hélio Rubens e Fransérgio e foi capaz de comemorar a vitória do dia anterior contra a equipe do Rio Claro. A comemoração foi rápida, pois Seu Pedro exigiu que Hélio o deixasse internado "para ir treinar os meninos". No dia 8 de novembro de 1992 terminava a trajetória do homem que é considerado por todos como o maior esportista e educador que Franca já teve.

Todo esse desprendimento de Pedroca não foi recompensado do ponto de vista material. Se tivesse pensado na realização financeira, ele teria aceito as várias propostas que recebeu para dirigir clubes de grandes recursos em várias capitais, mas optou pelo idealismo e por um projeto de esporte comunitário. Fransérgio, que sempre acompanhou o Pedroca, afirma que a remuneração do técnico sempre foi a de professor da rede pública. "Nem quando começou a entrar o período profissional ele não queria. Preferia usar o dinheiro para trazer jogadores e formar uma boa equipe".

A maior recompensa a esse homem foi o reconhecimento de sua obra. Mais que o nome do ginásio, é unanimidade na cidade que ele foi a pessoa mais importante para o esporte ter se desenvolvido em Franca e chegar ao patamar de conquistas que alcançou. Além disso, seu exemplo de vida não influenciou apenas jogadores. São centenas de professores, médicos, advogados, engenheiros e profissionais de diversas outras áreas que passaram pela mão desse educador nato e que nunca esqueceram dois princípios básicos do Seu Pedro: faça o

melhor que puder e nunca comece uma coisa que acha que não vai terminar. Para definir melhor esse homem, nada como detalhar sua trajetória no basquete, que se confunde com a do basquete em Franca. Voltemos para 1951.

Instituto de Educação: O Berço do Basquete

Com a vinda do Pedroca, o basquete de Franca passou a circular em torno do *Instituto de Educação Torquato Caleiro* – IETC - numa quadra de cimento descoberta, no fundo da escola. Durante o dia, a quadra estava sempre ocupada com as aulas de Educação Física, mas mesmo assim sempre se dava um jeito. “Quem jogava basquete tinha uma maior disponibilidade da concorrida quadra e isso não era privilégio apenas dos jogadores da equipe principal” diz Carraro, que como dezenas de jogadores, iniciou no basquete influenciado pelo Pedroca. Quando não tinha aula, nas duas tabelas tinha trios jogando “Vinte e Um”, que pode ser disputado em equipes ou individualmente: vence quem fizer 21 pontos primeiro. Mesmo nas aulas de vôlei, sempre ficava um grupinho atrás “atrapalhando”.

Nessa época, “a Educação Física nas escolas era levada a sério”, como contam os veteranos, e os jogos interescolares eram muito disputados. Hélio Rubens conta que, além do IETC, outras escolas também tinham equipes competitivas. “Muito da motivação veio da rivalidade contra o Colégio Champagnat e a Escola Profissional”.

Foi nessas brincadeiras de aula e disputas interescolares que Pedroca foi separando uns meninos, e o basquete da cidade começou ganhar representatividade. Ao grupo de meninos do IETC – Luis Carlos Faria, Osvaldo Dias, Carlos Andalafti, José Miranda, Edmundo Dopp, entre outros – foram agregados Demétrio Bittar, Agostinho Vilhena, Chico Damasceno e o próprio Pedroca, que acumulava a função de técnico. Jogava na posição de ala, e segundo Faria, era um ótimo marcador: “Pedroca jogava muito bem, aliás, fazia tudo muito bem”.

Como havia aula o dia todo, os treinamentos eram às seis da manhã. Os meninos saíam de casa muito cedo e nem tinham tempo de comer nada. Naquela

época, o padeiro passava de manhãzinha e deixava os pães na janela. Os meninos do basquete, que sempre andavam juntos, passavam todo dia em frente a uma casa com os pães cheirando na janela. Um dia resolveram pegar alguns e durante vários dias repetiram a peraltice. Certa vez, quando o Chico Damasceno pegou o pão na janela, surgiu só uma mão de dentro da casa que o agarrou. Ele só teve tempo de dizer "Padeeeiro", e rapidamente foi solto. Apesar dessa saída estratégica, os jogadores decidiram que a partir daquele dia, voltariam a ir para o treino com fome.

Chico, esse espirituoso francano, se tornou o principal craque do período e a referência para a geração que o substituiu, como os jogadores Heraldo e Hélio Rubens. Francisco Damasceno Ribeiro não era tão jovem como os outros jogadores e nem era aluno do IETC. Acabara de voltar de São Paulo, onde concluíra o curso de Engenharia Civil. A partir do contato com o Pedroca, passou a participar dos treinos. Apesar de baixo, tinha muita aptidão. Com estilo próprio, o arremesso de duas mãos que pegava por baixo da bola e saía na altura do peito era muito preciso, apesar de estilisticamente ser até meio engraçado. Arremessava de qualquer distância e foi com certeza um dos precursores da cesta de três pontos, que só foi admitida pela Federação Internacional de Basquete (FIBA) em 1985. Era capaz de dribles rápidos e desconcertantes, além de grande destreza para bater bola. Isso fez com que Damasceno se destacasse naquela época em que, ao contrário de hoje, não havia limite máximo para a posse de bola se destacou em uma época em que, por não se ter os 30 segundos de posse de bola, era importante possuir essas características.

Nesse período, a competição mais importante foram os Jogos do Obelisco, realizados em 1954 em Franca. Esse campeonato reunia anualmente as seis cidades que participaram dos Primeiros Jogos Abertos em 1936. As partidas foram realizadas no cimento áspero da quadra descoberta do IETC. A arquibancada eram cinco ou seis degraus apenas de um lado da quadra, onde havia uma cobertura de telha. Do outro lado ficava o muro, onde foi colocado um marcador de madeira. Os próprios jogadores saíam pela cidade vendendo os ingressos.

O jogo mais esperado seria contra o XV de Piracicaba, que contava com os grandes jogadores da época, como Wlamir Marques, Pecente e Rosa Branca. Foi nessa ocasião que Wlamir Marques recebeu, aos 17 anos, o comunicado da sua primeira convocação para a Seleção Brasileira. "Foi uma coisa extraordinária para quem estava vendo. Naquela época qualquer coisa de seleção era de outro mundo" define Hélio Rubens, que ainda era muito moço, mas que depois viria a ser capitão da seleção por mais de nove anos.

Para estragar a festa, apenas uma chuva que caiu na manhã do jogo. Mas isso não foi motivo para desanimar o incansável Pedroca. Acabada a chuva, ele surgiu de repente com um rodinho, e começou rapidamente a tirar o excesso de água. Seu esforço foi recompensado: o tempo melhorou, e, com a quadra seca, todos puderam assistir ao verdadeiro show dos craques piracicabanos, com progressões e jogadas nunca antes vistas em Franca. Com as derrotas para a equipe de Piracicaba, 51 a 41, e Mirassol, 42 a 36, Franca acabou a competição em terceiro lugar. O cestinha do Obelisco foi o francano Chiquinho Damasceno com 76 pontos, seguido de perto pelo recém selecionado Wlamir Marques, que marcou 72 pontos. Foram jogos como esse que deram o amadurecimento que faltava para os meninos de Seu Pedro começarem a brilhar.

A falta de dinheiro, sempre uma característica do basquete francano, já marcava presença. Havia poucas bolas para os treinamentos e cada jogador se virava para arrumar o seu "keeds". O uniforme com que o IETC representava a cidade era de listas verticais verdes e amarelas, imitando o da seleção brasileira. Havia apenas um jogo de camisas, com sete iguais e três diferentes. Assim, nem todos os reservas entravam uniformizados em quadra.

A maioria das viagens era de trem e as passagens eram pagas pelo Departamento de Educação Física (DEF), órgão do Estado que organizava os campeonatos. Além do passe e dos alojamentos em escolas e embaixo de arquibancada, as equipes não recebiam mais nada. O resto era a empolgação. José Luiz Xavier, jogador da época, lembra de uma viagem para os Jogos do Obelisco em Uberlândia. "Durante a viagem de trem de ida e volta, fomos na base da maçã verde".

Para cidades do interior como São Carlos, Mirassol e Piracicaba, quando não havia ajuda do DEF, a aventura era na Kombi do Pedroca. Entravam uns sete, ou oito jogadores e saíam por pistas mal sinalizadas e muitas vezes nem asfaltadas. Saíam de Franca poucas horas antes do jogo, e assim que acabava voltavam sem lanche nem nada. Mas do que as precariedades da estrada, os jogadores tinham medo do motorista. "O Pedroca estava dirigindo e do nada virava para trás e começava a dar aula e instruções técnicas. Os jogadores gritavam para que ele olhasse para a frente. Ele se lembrava do volante e virava rapidamente. Passava mais um tempo, lá estava o Pedroca esquecendo da pista de novo" recorda o pivô Piu Piu, que por muitas vezes participou dessas aventuras que ajudaram a difundir o basquete no interior do Estado de São Paulo.

Além das várias excursões às cidades vizinhas, os campeonatos mais importantes de que Franca participava na década de 50 eram os Jogos Abertos e o Troféu Bandeirantes. A equipe ficava treinando o ano todo para disputar aqueles poucos jogos. O Troféu Bandeirantes tinha jogos eliminatórios e Franca nunca passava dos confrontos da região de Ribeirão Preto. Foi só em 59 que, mesclando a experiência de Chico Damasceno, Pedroca, Xavier, Osvaldo Mandioca e Wilson, com a juventude e o entusiasmo de Hélio Rubens, Heraldo, Piu Piu, Wellington Jorge e Catiê é que a cidade passou adiante e foi para os jogos decisivos, em Campinas.

Todos estavam apreensivos antes desse jogo contra a equipe local, já que o Tênis Clube possuía grandes jogadores. Na véspera do jogo, Pedroca começou a bolar suas estratégias. Heraldo era a peça chave na cabeça do técnico. O problema é que o jogador estava gripado e nem havia viajado com o grupo. Depois de pensar por alguns instantes, Pedroca decidiu ir buscar "a salvação da equipe". Viajou a noite inteira de trem e, na volta, veio dando remédio anti-gripal para o jogador. Heraldo atuou muito bem e deu oportunidade a que outros jogadores da equipe ficassem mais soltos para desenvolver seu potencial.

Após a vitória por três pontos, o juiz da partida, o legendário Renato Righetto - um dos maiores árbitros de todos os tempos, tendo apitado até final de Olimpíadas - fez um comentário profético, apontando um dos jogadores: "Esse

menino vai ser um dos maiores jogadores de basquete do Brasil". O jogador apontado era Hélio Rubens Garcia, que com apenas 18 anos já dava mostras de seu potencial.

Com a vitória inesperada em Campinas, a equipe se tomou a sensação do campeonato e os francanos foram para São José dos Campos, onde não conseguiram superar a forte equipe local. Mas como todo time vencedor tem que contar com a sorte, os donos da vaga brigaram com os organizadores do torneio, e entrou Franca, que era o substituto imediato. Nisso, já estavam pela primeira vez na final do Troféu Bandeirantes, que ia ser disputado em um quadrangular em Presidente Prudente. Além da cidade-sede e da surpresa do campeonato, participaram o XV de Piracicaba e o São Carlos, que eram as equipes-bases da Seleção Brasileira campeã mundial em 1959. No primeiro jogo Franca levou o banho esperado da equipe são-carlense, perdendo por 80 a 55. Foram para a decisão do terceiro lugar contra a equipe da casa. Apesar da pressão da torcida, a equipe francana não queria desperdiçar a chance.

Franca segura o jogo e o placar permanece por muito tempo igual. Nos últimos instantes da quarta prorrogação, Xavier perde a bola no ataque, mas está muito cansado e demora a voltar. Presidente Prudente desce forte para o ataque, Pedroca domina o rebote e observa que Xavier está bem à frente, mas meio distraído. Junto com um lançamento de gancho preciso vem o grito para ficar esperto. Xavier domina a bola e quando dispara para a bandeja decisiva, um jogador local consegue alcançá-lo a tempo de fazer falta. Franca tem agora dois lances livres. Acertando o primeiro e errando o segundo, Xavier assegura a vitória por 90 a 89.

Foi o primeiro resultado significativo da era Pedroca. A torcida local que lotara a quadra descoberta não conseguia segurar o choro. Esse resultado foi decisivo para inflamar de vez a garotada de Franca. O IETC não conseguia mais comportar a paixão da cidade. Estava criada a base para o surgimento do Clube Dos Bagres.

A conquista do Brasil

O Clube dos Bagres foi criado em 1953 e o nome alude ao ribeirão que margeia a cidade. Desde sua fundação, o clube sempre teve a participação de pessoas ligadas ao basquete. O primeiro presidente foi Paulo Archetti, aquele que fora campeão pelo Rio Branco na Liga Municipal em 1931, seguido pelo entusiasmado Juca Vilhena. Nessa gestão é que foi construído o ginásio de esportes e formada a equipe de basquete. Wilson Cunha, entusiasmado do basquete e sócio dos Bagres na época, não esquece da campanha que foi feita para levantar os recursos para a construção do ginásio. "Foram 5.000 réis por sócio, pagos em até 10 meses". Fora isso, houve a colaboração dos amantes do esporte. O engenheiro Chico Damasceno foi o responsável pelo projeto. Xavier, então professor de mecânica da Escola Profissional, levantou a armação metálica das tabelas que foram fixadas nas paredes.

Em 1959 o ginásio ainda não estava terminado. Faltava a cobertura, as tabelas eram de madeira e os vestiários eram os da piscina. Mesmo assim ocorreu numa tarde de domingo daquele ano o jogo contra o Vasco da Gama de Campinas. O placar e os detalhes desse jogo se perderam no tempo, mas aquele 10 de maio ficou sendo o marco de fundação da primeira equipe de Franca a se inscrever na Federação Paulista de Basquete (FPB). A maioria dos jogadores vinha do IETC; não eram sócios do clube, mas, por jogarem lá, acabaram ganhando permissão para frequentarem-no de graça.

No início de janeiro de 60 estava pronta a primeira quadra coberta de Franca. Para a inauguração da quadra coberta veio a equipe do XV de Piracicaba, com Wlamir Marques, Pecente e Cia. Os irmãos Reynaldo e Ângelo Gianecchini - mais conhecidos como Patão e Anginho - que estudavam e jogavam em Uberaba, foram convidados a serem reservas da equipe francana. Chegaram dois dias antes e treinaram com os outros jogadores. O entrosamento dos irmãos era tão grande que, no coletivo dos treinamentos, os reservas sempre ganhavam dos titulares. Na hora do jogo, Pedrocá escalou a equipe e veio a surpresa. Anginho e

Patão eram titulares, junto com Hélio Rubens, Catiê e Heraldo. Apesar da derrota por 85 a 82, Franca já mostrava que poderia enfrentar qualquer adversário de igual para igual. Nesse dia houve uma partida preliminar em que as francanas perderam para as piracicabanos por 82 a 26.

Com a cobertura do ginásio, Franca sediou em 1961 a Taça Brasil, que naquela época era disputada pelas seleções estaduais. Segundo o radialista Jovassi Dias, foram convocados da equipe francana Anginho, Amílton, Hélio Rubens e Heraldo. Somados aos já consagrados Rosa Branca, Edson Bispo, Amauri Passos, Wlamir Marques, e outros, acabaram se sagrando campeões por São Paulo.

Após esses jogos, começou a participação sistemática do Clube dos Bagres nas competições da FPB. Foi no início dos anos 60 que começaram a vir jogadores de fora para reforçar o grupo dos francanos, nessa época composto por Hélio Rubens e Totô, Piu Piu, Heraldo, Catiê, Carraro, e Wellington Jorge, entre outros. Os primeiros a chegar foram Amílton, Brailo, Edson Ferraciu. Os irmãos Gianecchini, após o sucesso de janeiro de 1960, foram convidados, mas apenas Anginho aceitou a proposta. Patão resolveu ir para Birigui, representar a equipe local.

A vinda de Anginho marcou o início da longa e produtiva relação da família Gianecchini com o basquete de Franca. Originários de Olímpia – cidade da região Noroeste de São Paulo - sempre tiveram uma relação próxima com o basquete. Harry, o pai, participou do Primeiro Jogos Abertos do interior em Monte Alto, representando a equipe de Olímpia, que foi derrotada na estréia por Franca. Anginho foi um dos principais destaques da equipe de Franca na década de 60. Ao abandonar o basquete, não largou a cidade. Casou-se lá, construiu família e hoje se considera mais francano que muitos que lá nasceram. Em 1967, colaborou para a vinda do irmão Fausto, que passou a treinar no infantil do Clube dos Bagres e no juvenil do IETC. Fausto jogou mais de 18 anos em Franca e é o quarto jogador que mais atuou pela equipe e o segundo maior cestinha – fez 12.365 pontos. Fausto foi um dos criadores da equipe do Dharma - uma segunda equipe que surgiu na cidade na década de 90. Hoje, é diretor de marketing de uma

empresa de calçados e, como o irmão, não pretende sair de Franca, ainda mais agora que um novo Gianecchini está despertando no basquete francano. Trata-se do seu filho, Ricardo, que com 20 anos, é uma das grandes promessas da nova safra de jogadores da cidade. Os filhos de Anginho, Guilherme e Ulisses, também jogaram pelo clube.

Mas, voltando ao início do envolvimento dos Gianecchini, vamos para o início da década de 60. O basquete era muito diferente do que é hoje. Esse esporte não era uma profissão e não se recebia para jogar. “Naquela época uma proposta muito boa para os de fora era casa, comida e um emprego na prefeitura” explica Hélio Rubens.

Anginho conta que a grande motivação era o prazer de jogar. Em 1960, quando ainda estudava Odontologia em Uberaba, ele vinha nos finais de semana representar Franca. Treinava na sexta e domingo, jogava no sábado e ia embora na segunda cedo. No ano seguinte veio em definitivo e recebeu ajuda financeira de Juca Vilhena para montar, em 1962, seu primeiro consultório odontológico.

Todos os outros jogadores do período ou trabalhavam, ou estudavam, ou faziam os dois. Apesar de o basquete fornecer apenas uma ajuda de custo, que no máximo conseguia equilibrar as despesas, a grande vantagem para os jogadores eram as portas que se abriam. A facilidade da equipe foi estar em uma cidade do interior e ter pessoas influentes, lideradas por Juca Vilhena, que abraçavam a causa desse esporte. Era muito comum arrumar empregos na Prefeitura ou no Estado e contar com uma grande compreensão para com faltas e escapadas de horário. “No Tiro de Guerra se podia ter 5 faltas no ano. Por causa do basquete eu faltei quase 30, mas tudo ficou na boa” disse Carraro.

Por causa desses afazeres profissionais, a carga de treinos era muito diferente do que é hoje. Eram duas horas à noite, segunda, quarta e sexta-feira. Mas o que compensava eram o empenho dos jogadores e o senso de responsabilidade. Qualquer tempo de folga os jogadores utilizavam para se aprimorar. Era muito comum se chegar no ginásio dos Bagres a qualquer hora e ver um ou dois jogadores treinando arremessos, lances livres e outros fundamentos.

As viagens eram as mais curtas possíveis, para não prejudicar ninguém. Não havia tempo de viajar dias antes e fazer a preparação no local, como hoje. A equipe chegava horas antes do jogo e saía em seguida. Anginho relembra a ida ao Jogos Abertos em Poços de Caldas. Franca foi campeã e a comemoração seguiu além da meia-noite. No dia seguinte havia um jogo em Paraguaçu Paulista, a mais de 450 km. Na madrugada, em meio a um frio danado, o técnico dispensou os três mais jovens e foram sete na famosa Kombi do Pedroca, que por insistência dos jogadores não era mais o motorista. Quem normalmente assumia o volante era Anginho ou Amílton. Franca jogou bem em Paraguaçu e foi para o hotel. Os jogadores tomaram banho, comeram a comida deixada para eles e quando iam se preparar para deitar, Pedroca reuniu todos e disse que voltariam imediatamente para que ele pudesse dar aula cedo no IETC. Seguiram na estrada a noite toda.

A respeito dessa partida em Paraguaçu Paulista há uma passagem no mínimo curiosa. O jogo era contra a equipe local e Franca estava muito inspirada. Faltando três minutos, o placar era de 98 a 50, quando o mesário – e também dono do time – mandou desligar a energia do ginásio. Entrou na quadra e avisou que o jogo estava terminado. “Nunca nenhuma equipe colocou 100 pontos em nós aqui e não vai ser hoje que isso vai acontecer”. Por ser um amistoso, Franca nem ligou e acabou aceitando a decisão.

O apoio do Clube dos Bagres na verdade se limitava emprestar a estrutura física e o nome do clube para ser inscrito na Federação. Financeiramente, a equipe dependia de campanhas entre os sócios do clube, rifas, ajuda das empresas de calçados e renda dos jogos. Na verdade, todos que viveram o basquete daquela época mais de perto sabem que a grande retaguarda financeira era o Sr. Juca Vilhena. Sempre quieto, Vilhena nunca gostou de falar disso. Agora, aos 86 anos, assume timidamente que algumas vezes tirou dinheiro do bolso, mas ressalva que não foi só ele.

Com o brilhantismo de Pedroca, a grandiosidade de Hélio Rubens, o empenho de Juca Vilhena e a participação de muitos, as conquistas do Clube dos Bagres não demoraram a acontecer. Eles foram pentacampeões do Troféu

Bandeirantes entre 1962 e 1966. Mas em nível estadual ainda estavam muito atrás das equipes da capital como Corinthians, Palmeiras e Sírio.

Em 1964, apesar das conquistas do Troféu Bandeirantes, Franca ainda não era respeitada. Superar Piracicaba, São Carlos e São José dos Campos nos Jogos Abertos do Interior, quando todos iam com a força máxima, era algo impensável até para os francanos. Tanto que o Sr. Juca Vilhena, meio que na brincadeira, prometeu uma lambreta - veículo que tinha acabado de ser lançada no país e era a sensação entre os jovens - para o Hélio Rubens se Franca fosse campeã. Foram para São José dos Campos e, após uma campanha irrepreensível de superação, o grande jogador de Franca desfilava pelas ruas da cidade seu presente motorizado. "Esse meu primeiro prêmio como jogador me deu ainda mais motivação". Só durante o período do Clube dos Bagres foram mais quatro conquistas deste torneio.

Apesar dessa empolgação, Hélio quase teve que interromper sua carreira em 1965. Ao passar no concurso do Banco do Brasil e não conseguir vaga em Franca, foi lotado em São Paulo. A solução encontrada por ele para não se separar de sua paixão foi jogar na equipe do Palmeiras. Apesar de ter saído de Franca, nem assim ficou longe do Pedroca. Por coincidência, o técnico também foi transferido para a capital a fim de trabalhar no Departamento de Educação Física (DEF) e também aceitou o convite do clube alviverde. No final do ano, ambos conseguiram voltar para o interior e esta ficou sendo a única vez que Hélio atuou fora como jogador e que o Pedroca voltou para sua cidade natal.

Nesse período, quem assumiu o comando da equipe foi Agostinho Vilhena, irmão do Juca e que também foi jogador e apaixonado pelo esporte. Apesar da perda de qualidade com essas saídas, Franca conseguiu manter o padrão de chegar às finais. Nos Jogos Abertos do Interior, disputados em Santos, a equipe só perdeu o último jogo, justamente para o dono da casa. Foi uma partida muito disputada, em que a pressão da torcida foi fundamental nos momentos decisivos. Essa partida no dia 23 de outubro marcou a despedida prematura do jogador Wellington Jorge. Ao chegar de volta em Franca, ele recebeu a notícia do falecimento de seu pai e, aos 19 anos, teve que abandonar sua carreira

emergente para cuidar dos negócios da família. Formou-se em direito e hoje é promotor de justiça. Continua torcendo e acompanhando o basquete, mas não vai aos ginásios. “Não gosto daquele barulho e dos que ficam xingando. No meu tempo o basquete era que nem o tênis de hoje. Ficavam em silêncio e todos apenas aplaudiam as grandes jogadas”.

Por falar em torcida, é bom que se diga que desde os tempos do IETC a comunidade francana sempre acompanhou o basquete. Era muito comum que lotasse o ginásio dos Bagres, com capacidade para 1200 pessoas. E a característica comum até hoje, é que sempre foi família. Ao contrário do futebol, em que a maioria dos torcedores são grupos de amigos, no ginásio é muito comum encontrar-se pai, mãe e filhos. “O basquete foi a novidade que movimentou a cidade e passou a ser o principal evento, inclusive da alta sociedade” define o jogador Heraldo Figueiredo.

Ele ainda lembra que no início do ginásio do Clube dos Bagres, os jogadores ficavam na porta vendendo os ingressos para ganhar uma porcentagem, uma renda extra. Depois saíam correndo para a quadra, muitas vezes até sem tempo para o aquecimento. Outra curiosidade dos jogos iniciais do Clube dos Bagres era que os integrantes da retaguarda do basquete sempre ficavam de olho e, nos jogos importantes, quando a equipe visitante começava a se empolgar, muitas vezes eles desligavam a chave de energia para dar uma esfriada no jogo.

Já com um grande reconhecimento nacional, era comum Franca ser convidada para participar de jogos comemorativos. Em 1969 a equipe fez um jogo contra o Corinthians para inaugurar o ginásio de Ibirá. Arquibancadas lotadas e a presença de militares do alto escalão, o jogo seguia apertado, mas em clima descontraído. Quase no final do segundo tempo, começou um alvoroço nas arquibancadas, com os militares circulando e se comunicando, agitados. Um deles entrou na quadra e decretou o final do jogo – mais tarde se saberia que a causa da interrupção fora um comunicado de Brasília, após o General Costa e Silva, então Presidente da República, ter sofrido um derrame. O mais engraçado foi o

placar: ficou na súmula um empate de 88 a 88. Apesar de os empates não serem permitidos na regra oficial, a lei dos militares falou mais alto.

Em sete de maio desse mesmo ano, Franca recebeu a equipe universitária do Akron Good Year, dos EUA. Mais que um jogo internacional, a partida ganhou relevância porque marcava a despedida de Anginho das quadras. Durante toda a semana, a imprensa de Franca anunciou o fato, e os torcedores lotaram o ginásio para acompanhar a homenagem. Antes do início da partida, Anginho recebeu uma placa e o título de sócio benemérito do Clube dos Bagres. Começado o jogo, esqueceu-se o clima festivo e a partida foi bastante disputada. Pedroca se entusiasmou e, como de costume, foi esquecendo de fazer as alterações. Acabado o jogo, notou-se uma coisa: o homenageado da festa não tinha sido chamado para entrar em quadra. Ninguém - nem o próprio Anginho - avisara ao Pedroca de sua distração. O jogador, que conhecia o mestre há tempos, não se importou de forma alguma. "Sei que ele não fez aquilo por mal". Anginho, apesar de ter jogado quase uma década em Franca, ainda tinha muita resistência física para o basquete, mas os afazeres profissionais estavam lhe exigindo muito tempo.

Essa foi a principal causa de muitos outros abandonos prematuros como os de Carraro, Heraldo, Piu Piu, entre outros, que se retiraram do basquete antes dos 25 anos. Para preencher o espaço deixado por esses jogadores, Franca se aproveitava do entusiasmo nas escolas e em clubes como Atlântico, Iara Clube e Comercial. Entre todos aqueles praticantes passaram a surgir destaques com capacidade de integrar a equipe principal. A maior parte dos jogadores que se destacavam em Franca tinham baixa estatura – característica que, aliás, persiste até hoje. Para suprir a posição de pivô, continuaram a vir jogadores de fora. O de maior destaque do fim dos anos 60 foi Roberto José Correia, o Robertão, que com 20 anos e 2,01m, chegou em 1969 em Franca para construir uma carreira longa e de significativas conquistas. Jogou até os 42 anos de idade, só tendo se afastado das equipes francanas por um período de dois anos, quando defendeu os times da Recreativa e da Arberisa, de Ribeirão Preto.

A trajetória desse carioca é representativa das dificuldades que os jogadores precisavam transpor para se dedicarem a um esporte que não tinha

nenhum reconhecimento. Aliás até hoje o basquete brasileiro, que é bicampeão mundial, não tem o reconhecimento merecido em um país que vive quase exclusivamente do futebol e de alguns ídolos isolados como Guga e Ayrton Senna. Assim, Robertão iniciou nos esportes através do futebol e cresceu junto com o Zico, que morava no mesmo bairro. Apesar de se arriscar como goleiro algumas vezes em peladas na várzea, seu biótipo não favorecia e ele acabou abandonando o futebol para se virar profissionalmente. Começou a trabalhar muito cedo e com 15 anos teve o seu primeiro contato com o basquete. Quando trabalhava na Mesbla, conheceu um diretor do Vasco da Gama que, vendo seu tamanho, o convidou para ir fazer um teste. Quando chegou, foi colocado em uma quadra com uma bola de basquete, mas ninguém lhe deu qualquer instrução. Foi embora e nunca mais voltou.

Continuou trabalhando, mas parece que o basquete estava no seu destino. Aos 18 anos, quando Robertão era servente de pedreiro, o técnico bicampeão mundial, Kanela, foi ser treinador de uma escola perto da casa de Robertão. Um amigo o levou lá e Kanela o encaminhou para treinar no Flamengo. Com uma ajuda de custo, parou de trabalhar e começou a se dedicar aos treinamentos de manhã, de tarde e à noite. Quase desanimou com a quantidade excessiva de treinos, mas depois viu que era a única forma de recuperar o tempo perdido. Robertão recorda que, vindo de família bem pobre, no começo treinava até descalço, porque não tinha tênis.

Depois de se tornar bicampeão estadual pelo Flamengo, o jogador foi para Araçatuba. Por essa cidade é que disputou os Jogos Abertos do Interior, em Araraquara. Foi lá que recebeu o convite do presidente do Clube dos Bagres para vir à Franca. Lembra: "A equipe já estava em um crescimento muito acentuado e foi muito bom para mim. Apesar de ser um jogador praticamente formado, aprendi muito com o Pedroca, pois tinha detalhes que só ele pegava". No início Robertão morava no próprio Clube dos Bagres e recebia uma ajuda para comer em uma das pensões da cidade.

A primeira vitória significativa em que Robertão ajudou a equipe de Franca foi a conquista do 1º Campeonato Brasileiro, em 1971, que na época se chamava

Torneio Coronel Luiz Maciel Júnior. Nesse torneio, após a conquista, e com Franca estando de posse da taça, o Fluminense entrou com um recurso e o cancelamento do campeonato chegou a ser publicado nos jornais. Mas no site da CBB, Franca está como a campeã brasileira desse ano e a taça continua na cidade.

No dia 2 de junho de 1971 acabou o apoio do Clube dos Bagres ao basquete. O motivo foi a mudança de diretoria do Clube. Juca Vilhena e seus escudeiros perderam o comando para a turma liderada por Victor de Andrade, que considerava os custos do basquete muito altos para o orçamento do Clube.

Após a saída do Clube dos Bagres, o basquete de Franca passou por um período de dificuldades. Robertão conta que várias vezes recebeu o salário em bilhetes de rifa. "Se não vendia, não tinha dinheiro". O grupo de sempre, dos obcecados pelo esporte, se reuniu e encontrou o apoio em uma empresa de calçados – até pequena - que se ofereceu para emprestar o nome à equipe.

Surgem os Irmãos Metralha

Em junho de 1971 nascia o Calçados Emmanuel Esporte Clube, mas esse nome logo teve que ser modificado. Quando Franca foi disputar os Jogos Abertos do Interior em Tupã, a Prefeitura estava sem verba para comprar o uniforme e o time decidiu que iria com as camisas do Calçados Emmanuel. Na estréia, quando a equipe já estava terminando o aquecimento, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Major Sylvio de Magalhães Padilha, mandou todo mundo sair, porque o uniforme da equipe francana estava irregular – naquela época era proibido qualquer tipo de patrocínio. Para não perder por desistência, Franca estreou usando o uniforme do Tênis Clube de Tupã!

Para as partidas seguintes era preciso arrumar outro uniforme. Na emergência foi chamado o roupeiro Sérgio Aleixo de Paula, que acompanha a equipe há 40 anos e até hoje é responsável por resolver os problemas extra-quadra. Aleixo saiu pelas ruas de Tupã e era quase meia-noite quando encontrou uma costureira e deixou tudo acertado. No dia seguinte comprou os panos da

mesma cor e costurou por cima do nome da empresa. Ficou apenas Franca. Mesmo com todos esses percalços, a equipe acabou conquistando o vice-campeonato.

Voltaram para Franca e o clube passou a ser chamado de Emmanuel Franca Esporte Clube. Não havia mais qualquer referência a calçados, nem no ônibus, nem nos agasalhos, nem nos uniformes em vermelho, azul e branco. Não havia uma verba definida de patrocínio, mas um grupo de diretores do Emmanuel dividia com outros empresários da cidade as despesas da equipe.

As viagens continuavam sendo muito amadoras. A Kombi do Pedroca, depois de ter fundido o motor várias vezes, já era pouco utilizada. Sem condução própria, eles viajavam muito em carros emprestados pelos diretores, ou em ônibus de carreira. Uma das cidades mais distantes do roteiro era Presidente Prudente, quase divisa com o Mato Grosso do Sul. Quando tinham que ir para lá, todos almoçavam em casa para economizar e se encontravam na praça no início da tarde. Os jogadores se dividiam em três ou quatro carros, e alguns assumiam o volante. Chegavam quase na hora do jogo, e assim que acabava vinham embora. Quando as viagens eram para a região Noroeste do estado, como Presidente Prudente e Osvaldo Cruz, os jogadores nem comiam após o jogo. Tocavam direto e paravam no caminho em Olímpia, onde o pai de Fausto e Anginho estava lhes esperando com um churrasco. De madrugada continuavam a jornada e de manhã estavam chegando em Franca para que cada um prosseguisse com suas obrigações pessoais.

É lógico que chegar em cima da hora muitas vezes dava errado. Robertão lembra que uma vez iam para uma excursão no México e iriam pegar o avião em Campinas, onde fariam um jogo antes. Furou o pneu do ônibus e o pessoal começou a ficar preocupado. Todos se trocaram no caminho e chegaram direto na quadra, quando haviam passado quase quinze minutos e o juiz já ia decretar a vitória do time local por W.O. Fausto recorda uma outra história de superação. Faltavam 30 quilômetros para chegarem em Osvaldo Cruz, quando o ônibus quebrou. O pessoal foi pegando carona. A cada veículo que parava, entravam dois

ou três jogadores. Os que foram primeiro iam levando o material. "O jogo começou e ainda tava chegando gente da nossa equipe".

O horário fixo dos ônibus de carreira rendeu até algumas histórias engraçadas. Em um torneio em São Paulo, Franca teve uma derrota e dependia da última partida da noite entre Sírio e Monte Líbano para ver se conquistaria o campeonato. Como o último ônibus para Franca saía à meia-noite, os jogadores não puderam ficar torcendo no Ibirapuera. Quando chegaram na rodoviária o jogo estava na etapa final. Dentro do ônibus, os radinhos à pilha não pegavam direito. Os jogadores saíram e ficaram na porta "enrolando" até que acabasse a partida. O pessoal dentro do ônibus nem se importou com o atraso. Como a maioria era de francanos, todos também estavam ansiosos pelo resultado e a viagem foi em total vibração, após a conquista do campeonato.

Os custos com hospedagem também eram os menores possíveis. Quase sempre ficavam em alojamentos. Em São Paulo, quase sempre se alojavam no Departamento de Educação Física (DEF), na Água Branca. Em outras cidades ficavam em casas ou chácara de conhecidos. Quando não era possível, ficavam em pensões e hotéis bem baratos. Nos Jogos Abertos, quando a hospedagem era responsabilidade do anfitrião, aí valia de tudo. O acompanhante de sempre Sérgio Aleixo lembra que o mais comum era dormirem em escolas e debaixo de arquibancadas, mas a equipe de Franca já ficou alojada até em ex-seminários e casas populares recém construídas no meio do mato, sem luz, nem nada.

Toda essa dificuldade de estrutura não era exclusiva de Franca. Era o padrão da época, muito diferente do profissionalismo de hoje. Para dar uma noção de como era o basquete antes do final da década de 70, Sérgio Aleixo descreve o ginásio do Trianon de Jacareí, que chegou a ser vice-campeão estadual em 72 e 73: "Era uma rua estreita e o ônibus parava na frente de um restaurante. Atravessávamos pelas mesas e pelo balcão e lá no fundo havia uma porta normal. Descia uma rampa de 5, 6 metros, mais dois degraus e chegava numa porta pequena. Aí era o único acesso do ginásio, que nem lugar para sentar tinha. Até jogo com transmissão pela televisão teve lá. Franca ficava no vestiário até duas

horas depois do jogo para ter condições de passar pelo corredor. Quando perdia era mais fácil: ia tomando vaia até o meio da rua, mas não dava nada”.

Apesar de todas essas adversidades, Franca foi resistindo ao tempo, e a década de 70 consolidou a explosão daquela potência do interior. No final da década de 60, os irmãos Fransérgio, Hélio Rubens e Totô se destacaram na equipe a ponto de ficarem conhecidos como os “Irmãos Metralha”. Francisco Sérgio, Hélio Rubens e Lázaro Henrique já vinham do exemplo do pai, Chico Cachoeira, que brilhou no período inicial do basquete francano. Fransérgio, o caçula, foi o que menos jogou. Foi o último a começar e o primeiro a deixar as quadras, para se dedicar à Medicina. Apesar de ter jogado menos, Fransérgio se considera feliz com o reconhecimento que tem na cidade e conta com orgulho que seu apelido acabou se tornando um nome até comum em pessoas com menos de 35 anos. “Não existe nenhum Fransérgio antes de mim e agora já tem até um garoto na equipe de Franca”.

Os três irmãos eram bem diferentes entre si, e era a força desse conjunto de particularidades que tornou a equipe de Franca tão competitiva. “Ficou fácil montar time. Já tinha mais da metade da equipe na própria cidade” explica Fransérgio. Hélio Rubens era o cérebro, o jogador clássico e com o arremesso de duas mãos decisivo. Totô era o sangue, a garra que às vezes até extrapolava. Excelente marcador e muito rápido para puxar os contra-ataques. O caçula era um exímio bater de bola. Poucos conseguiam roubá-la. Ele próprio considera que o Hélio foi o melhor, até porque foi o que jogou mais, mas o fato de os três terem sido convocados para a seleção foi algo de muito orgulho para os Garcia. A semente da família floresce agora nas mãos do Helinho, que aos 24 anos já está na seleção brasileira e é um dos principais representantes da nova geração de jogadores.

A participação desta família não se limitava às quadras. Desde os tempos de Chico Cachoeira, todos sempre foram muito ativos na organização do clube. Hélio Rubens nunca se restringiu às funções de jogador e técnico e Fransérgio foi inclusive presidente do Franca Basquetebol. Por tudo isso, os Garcia foram os que tiveram maior reconhecimento, mas o basquete de Franca sempre se sustentou

em outras famílias. Seja de pai para filho ou entre irmãos, famílias como os Archetti, Vilhena, Costa, Aidar, Facioli e Carraro contribuíram para criar a paixão da cidade pelo basquete. Além desses francanos, algumas famílias de fora, como os Gianecchini de Olímpia e os Olaio de São Carlos também tiveram significativas passagens no esporte da cidade. Mas os Irmãos Metralha realmente criaram uma ligação de amor com a cidade, tanto que mesmo com várias propostas das equipes da capital, nunca aceitaram sair os três juntos.

Em 1974, mesmo com a consolidação do trio e com o surgimento de outras revelações como Carraro, Fausto, Carlão e Robertão, o Emmanuel não conseguia conquistar o Campeonato Paulista. Depois de dois vice-campeonatos, quando o Sírio se sagrou campeão, os francanos teriam nova oportunidade de revanche contra esse algoz. O jogo dessa vez era em Franca e os torcedores lotaram o ginásio de entusiasmo e esperança.

A partida começa e até o final ninguém sabe quem vai ficar com a taça. Faltando cerca de vinte segundos a posse de bola é dos francanos, que têm de fazer a cesta para conquistar o título inédito. A marcação é reforçada em Fausto, Fransérgio e Hélio Rubens – os grandes arremessadores da equipe. A três segundos do fim, Robertão recebe a bola fora do garrafão em uma área que não é a sua especialidade. Sem pensar, lança um tiro certo – que hoje seria de três pontos – para encerrar o placar em 69 a 68 e dar o título paulista de 1973 para Franca.

A primeira conquista significativa em casa e dessa forma empolgante foi o suficiente para embalar uma festa nunca antes vista na cidade. A quadra foi invadida, Pedroca dava cambalhotas e muitos jogadores tiveram suas roupas rasgadas. A comemoração ganhou as ruas com carreatas e concentração na praça a noite toda. Essa invasão das ruas centrais da cidade se repete até hoje nas grandes conquistas da equipe.

Essa foi a última grande página escrita no Ginásio do Clube dos Bagres, que havia ficado muito pequeno para o entusiasmo da cidade. O Ginásio

Poliesportivo, que passou a ser o Templo do Basquete na cidade foi, mais uma vez, fruto da criatividade do ímpeto de Pedroca. Franca estava nos Jogos Abertos de Osasco em 1973 e o técnico recebeu um boletim da Comissão de Organização, falando do processo de inscrição para escolher a sede do ano seguinte. Pedroca ficou com aquilo na cabeça e foi só alinhando as vantagens que sediar os Jogos traria para a cidade, entre elas a construção de um novo ginásio. À noite, conversando com Sr. Chico Cachoeira, Sérgio Aleixo, e o representante da Prefeitura, Prof. Osvaldo Pereira, Pedroca começou a plantar a idéia nos colegas, com a forma inflamada que era sua marca registrada. Pereirinha se entusiasmou e interrompeu a explanação:

- O que Franca precisa para disputar?
- Um requerimento oficial da prefeitura com a assinatura do prefeito.
- Então nos podemos fazer isso - respondeu o representante da prefeitura, puxando de uma pasta alguns papéis timbrados.

Sérgio Aleixo pegou uma máquina de escrever e datilografou o requerimento como se fosse o prefeito José Lancha Filho. Pereirinha dá uma lida no papel e, na cara de pau, assina pelo prefeito. Tudo pronto, saem em busca da comissão, que não aceita o documento, pois faltava o reconhecimento de firma do prefeito. Para não dar bandeira, Pereirinha responde sem pestanejar. "Que sorte que o prefeito ainda não foi embora. Amanhã o levaremos em um cartório. Muito obrigado e até mais".

O fato de o Pedroca ser paulistano foi fundamental para resolver o impasse. De conhecido em conhecido, acabaram arumando um camarada que bateu o carimbo de reconhecimento de firma. Três dias depois, Franca foi anunciada como uma das concorrentes. Eles se assustaram um pouco, mas Pedroca não deixou que os companheiros desistissem. Foi com Sr. Chico para um lado e pediu que Pereirinha e Sérgio fossem para o outro, visitando os chefes de delegações e pedindo voto para a candidatura da cidade. No dia da reunião, Pedroca foi o encarregado de defender a candidatura de Franca. À hora que iniciou a falar, não deu outra: a cidade foi escolhida por uma larga vantagem. Todos vieram cumprimentar o quarteto, que ficou bem quietinho.

E agora, o que fazer? A notícia tinha que chegar em Franca antes que os jornais a anunciassem. Já era quase meia-noite, quando saíram para o Centro Telefônico. Ligaram para o dono do Diário da Franca, contando que a cidade tinha sido escolhida para sediar os Jogos, mas sem explicar como. Pedroca encerrou rapidamente a conversa: "Daqui uma hora você liga para o prefeito dando os parabéns e não fala mais nada". Desligou, e ligou para a casa do prefeito.

- Parabéns, Franca foi escolhida para sediar os Jogos Abertos do ano que vem...

- Mas como? Nós não temos condições para isso

- Temos sim.... - e desligou na cara como se a ligação tivesse caído.

Ficou assim, e na volta chegaram já invadindo a prefeitura com a taça de campeão em Osasco, e naquele entusiasmo se formou uma Comissão dos Jogos Abertos. Quem fazia parte? Juca Vilhena, Cecim Miguel e Pedroca. No barulho, o prefeito Lancha embarcou na idéia e só depois que o projeto já estava em andamento é que soube dos pormenores do processo de escolha. Depois de muitas idas a São Paulo e ao Rio de Janeiro, conseguiram a verba.

Para finalizar as obras, Franca teve que contar com a sorte. Na época dos Jogos, houve uma epidemia de meningite na Capital e a organização acabou adiando o campeonato para não haver muita circulação e concentração de massa. Os Jogos Abertos ficaram para janeiro de 75, e foi o tempo que faltava para que o ginásio de 3.500 lugares estivesse pronto. No orçamento, acabou faltando verba e a saída foi pedir a contribuição na cidade. Nessa hora valia de tudo. Aleixo lembra que por muitas vezes prometeu o nome do ginásio para aqueles que ajudavam, mas o nome já estava escolhido e com muita justiça: Pedrocão. Até hoje é este o nome do local que recebe as partidas na cidade, apesar de ter passado por uma reforma. A participação de Franca, pelo menos no basquete, recompensou o esforço do quarteto. O time terminou invicto, e quase sempre com placares acima de 100 pontos.

Com um pouco mais de incentivo, Franca partiu para a conquista de torneios internacionais, quando foi campeã no Panamá, México e Argentina. Nessa última excursão, eles jogaram 14 jogos em 15 dias, e perderam apenas

dois. Estavam quase retomando para o Brasil, quando receberam a notícia de que a fábrica de sapatos Emmanuel havia falido. Mesmo assim, cumpriram até o fim a programação. Um jornal argentino, ao saber que a equipe francana não possuía mais patrocínio, passou a estampar nos jornais "Nosotros Basquetebol Clube". Voltaram para Franca e, após quase dois meses de indefinição a Amazonas, uma fábrica de solados em ascensão, assumiu o patrocínio. Em 14 de novembro de 1974 iniciava o período que é considerado por muitos como o auge de administração e profissionalismo do basquete de Franca.

Auge de organização

A estréia da equipe do Amazonas foi marcada para o Ginásio do Clube dos Bagres. O uniforme chegou quando faltavam apenas quinze minutos para o início da partida. Apreensivos, os jogadores começaram a se trocar, mas veio a surpresa: os uniformes, no tamanho dos jogadores de futebol, não cabiam nos grandalhões do basquete. Mais uma vez a solução viria de Sérgio Aleixo. Ele foi até seu armário e buscou os uniformes do Emmanuel, que havia guardado para alguma eventualidade. Distribuiu o calção azul para os jogadores. A camisa ficou meio agarrada, mas deu para usar. Os mais altos como Carlão, Gilson e Robertão tiveram que descosturar um lado.

A entrada do Amazonas também marcou a consolidação do período profissional do basquete francano. Os jogadores passaram a treinar duas vezes por dia e a ganhar um salário efetivo. Além dos francanos Garcia e Carraro e de Robertão e Fausto, que já estavam na cidade, o Amazonas contratou grandes jogadores da época como Zé Geraldo, Adílson, Gilson e o argentino Aguirre. O time passou a ser a base da seleção brasileira, com sete jogadores, além de ter o pivô da seleção argentina. Os treinos pareciam jogos de alto nível. Robertão explica que para não haver choque de vaidades, Pedroca costumava não dividir entre titulares e reservas. Dividia a equipe entre os que entravam no primeiro tempo e os que atuavam no último. Fazia a estatística de pontos marcados e sofridos, rebotes, etc, e isso criava uma rivalidade sadia no grupo.

Com os novos e adaptados uniformes verde e branco, Franca ganhou o campeonato brasileiro, ainda em 1974, e recebeu o direito de disputar o sul-americano no Uruguai. Nas competições internacionais as equipes podiam pedir o reforço de jogadores emprestados. Assim, apesar do plantel de estrelas, Franca ainda contou com a participação do consagrado Ubiratan, do Palmeiras. Na primeira fase, Franca iniciou com uma vitória por mais de 20 pontos – 73 a 59 – contra o Thomas Batta do Chile. O segundo jogo - que definiria a classificação – foi contra o Olímpia da Argentina. Fazendo jus à rivalidade entre brasileiros e argentinos, a vitória veio apenas por um ponto. Na segunda fase, a estréia foi contra o Peñarol, dono da casa. Depois de mais duas vitórias, Franca se consagrava como vencedora de um grande torneio internacional. Esse título credenciou a cidade a disputar pela primeira vez um campeonato mundial, em 1975.

Esse ano ficaria marcado na história. Foi a primeira vez que Franca ganhou todos os campeonatos importantes que disputou na América do Sul – isso só se repetiria em 1990. Campeã paulista, brasileira e dos Jogos Abertos do Interior, a equipe foi disputar o sul-americano em La Paz, na Bolívia. Pedroca não conseguiu se adaptar à diferença de altitude e depois de passar muito mal teve que acatar as ordens do médico e voltar antes para o Brasil. Hélio Rubens assumiu o comando da equipe e não houve ar rarefeito ou equipes adversárias que impedissem o bicampeonato.

A equipe atingiu uma técnica tão elevada, que foi escalada para representar o Brasil vestindo o uniforme da seleção. Isso aconteceu umas sete vezes, e o Amazonas nunca decepcionou. A primeira vez foi no dia 26 de agosto de 1975, na inauguração do Ginásio de Esportes da Portuguesa Santista. Parece piada, mas quando o time chegou lá, havia um trator do lado da quadra: concluíram o ginásio e depois a máquina não passava por nenhum dos portões. Na hora das festividades, o trator foi coberto e o Franca/Brasil acabou derrotando a seleção do Paraguai por 59 a 32. Depois houve dois jogos no Uruguai e era sempre o mesmo procedimento: a equipe passava em São Paulo, pegava o material da seleção e seguia.

Um ano tão especial como o de 75 não poderia passar sem mais uma história do querido técnico. No dia quatro de novembro a equipe foi até Jaboticabal enfrentar a Faculdade de Medicina, Veterinária e Agronomia. Os estudantes, quando viram os astros da seleção chegando, se recusaram ao vexame certo. Para resolver o impasse, Pedroca emprestou quatro jogadores para a equipe local e o resultado é que Franca acabou sendo derrotada por 83 a 75. Mas Pedroca, com seu espírito universal, pouco ligou para o resultado e ficou muito feliz com o espetáculo proporcionado ao público.

Para fechar com chave de ouro, Franca debutaria na Copa William Jones – ex-presidente da FIBA que criou o campeonato mundial em 1966. Os preparativos para a ida à Itália foram repletos de expectativa. A verdadeira seleção que era a equipe de Franca já havia tido tempo para se entrosar, sob o comando do mestre Pedroca. Além disso, contava com a participação por empréstimo do pivô Marquinhos, do Sírio. Mas a estréia já foi um banho de água fria nas esperanças não só de Franca, mas do Brasil todo. Enfrentando os campeões europeus e donos da casa - o Birra Forst - em um daqueles jogos empolgantes do começo ao fim e que colaboram para a idéia de que o basquete é um dos esportes mais emocionantes que há, a vitória acabou indo para os italianos na última cesta. Resultado final: 82 a 81.

Mas nada estava perdido ainda. O jogo seguinte testou o coração dos torcedores francanos que podiam acompanhar as transmissões através da Rádio Difusora – na primeira transmissão direta da Europa para o interior de São Paulo. Novamente a partida foi contra uma equipe italiana e decidida no último lance, mas o desfecho foi invertido: vitória do Amazonas por 68 a 67 contra o Móbil Girgi. Com duas vitórias mais tranquilas contra o Tressor Bangu do Senegal e a Universidade da Pennsylvania dos EUA, Franca estava de volta à briga pelo título. Para isso, bastava que o Real Madri vencesse o Birra Forst no último jogo da penúltima rodada. Toda a delegação de Franca ficou nas arquibancadas acompanhando o desfecho daquela partida decisiva. Instantes antes de acabar o jogo, o Birra Forst estava um ponto à frente, e a equipe espanhola tinha direito a dois lances livres na mão do melhor arremessador da equipe. Mas a pressão era

muito grande e os dois arremessos foram desperdiçados. “Apesar de eu não ter jogado, acho que essa foi a maior derrota da minha carreira” desabafa Robertão.

Com a taça na mão dos italianos, o jogo da última rodada entre Real Madri e Franca decidiria a segunda colocação, e esse posto era muito importante já que só dois times brasileiros já tinham chegado lá: o Corinthians em 66 e o Sírio em 73. Por tudo que estava em disputa, essa foi talvez a partida mais emocionante da história do basquete francano.

Sete segundos para o encerramento e o placar está empatado. Os espanhóis estão na linha do lance livre e dessa vez que eles podem errar os dois lances, acabam convertendo um. Franca tem a posse de bola.

O diretor da empresa Amazonas, Paulo Pucci, que sempre foi fanático por basquete e muito ativo nos bastidores desde o Clube dos Bagres recorda o momento dramático que foi a cobrança de lateral da equipe. “Antes de a bola sair, o Pedroca cantou que o Fransérgio ia bater e o Hélio faria a cesta”. Mesmo não tendo combinado nada com os jogadores, foi exatamente isso que aconteceu.

O caçula sai com a bola para o irmão mais velho, que por precaução não jogou nas duas partidas anteriores. O jogador é muito pressionado já na saída e retoma a bola. Hélio dispara e assim que passa a metade da quadra, recebe a bola. Com o tempo estourando, breca e lança daquela posição mesmo. Fausto, do lado de fora, acompanha até o banco adversário a trajetória do arremesso salvador.

O título perdido no dia anterior foi esquecido, e a comemoração, digna de legítimos campeões. Tal a emoção, Paulo Pucci teve problemas cardíacos e no próprio ginásio teve que ser atendido pelo médico da equipe, quando recebeu oxigênio. Até hoje, o empresário prefere ver as partidas da equipe em casa. A repercussão na cidade foi tamanha, que mais de sete mil esperaram a delegação francana no centro da cidade.

Com essa equipe fantástica, o basquete de Franca ainda conquistaria mais um brasileiro e um sul-americano, mas, como tudo o que é bom dura pouco, o período de administração do Amazonas foi o menor de todos – durou dois anos apenas. A empresa não teve o retomo publicitário esperado, apesar de ter ficado conhecida internacionalmente ligada à imagem de Franca - já que antes, muitos pensavam que, devido ao nome, a empresa ficava na Amazônia.

Do futebol para o basquete

Para não deixar a equipe sucumbir, a Associação Atlética Francana, que vinha de uma tradição futebolística desde 1913, assumiu provisoriamente o basquete da cidade no final de 1976. No início de 1978, a diretoria da Francana mudou e o novo presidente quis que o clube se voltasse exclusivamente para o futebol. Como o basquete ainda não havia encontrado outro patrocinador, o então presidente do Conselho Deliberativo, José Martiniano de Oliveira, criou o Departamento Autônomo de Basquete da Francana. Para manutenção desse departamento, foram cedidos os direitos de comercialização de 100 cadeiras do Estádio Municipal. Só esta renda não era suficiente e o basquete voltou a depender da colaboração de empresas e bancos. “Os gerentes se reuniam para fazer campanha entre os clientes” recorda Martiniano.

No ano de 1977, a equipe conseguiu manter o nível de vitórias. Eles conquistaram o tricampeonato paulista contra o Sírio em Franca e ficaram com a posse definitiva da taça. Além disso, conquistaram o sul-americano realizado na Argentina, depois de muito sufoco. No quadrangular final, Franca venceu nas duas primeiras rodadas o Palmeiras e o Panteras da Venezuela. O jogo decisivo seria contra os anfitriões Obras Sanitárias. Caso os argentinos vencessem, haveria um tríplice empate e o campeão seria decidido no saldo de cestas.

O Obras Sanitárias precisa vencer por uma diferença maior a cinco pontos, senão nem a vitória tirará a taça dos francanos. Faltando 18 segundos, os argentinos vencem por dois pontos. Como esse resultado não interessa ao Obras,

seu treinador indica que Pellandini faça uma cesta contra e depois segure a posse de bola o restante do tempo, para levar à prorrogação e ter tempo para impor a diferença necessária. A cesta contra intencional é até proibida, mas com a pressão da torcida argentina, "esse detalhe" acaba passando batido. Mas a artimanha não funciona. Na saída de bola, um argentino escorrega e Fausto acaba roubando a bola, converte a cesta e ainda tem um lance de bonificação.

Apesar da conquista, a Francana não foi capaz de manter a estrutura da equipe por muito tempo. No início de 78 saíram Gilson, Adilson e Zé Geraldo, entre outros. Para abastecer a equipe principal, novamente se apostou em soluções caseiras. Alguns juvenis começaram a ter mais chance na equipe principal: Carlão, Tom Zé, Magu. Este último treinou muito tempo nas equipes de base e constantemente azucrinava Pedroca para ser integrado à equipe principal. Um dia quando a equipe se preparava no vestiário, veio a escalação do técnico. Magu começou a tremer de emoção e foi para o fundo se arrumar. Na hora que acabou a preleção, ele ainda não tinha voltado. Atrasado, o jogador saiu correndo sem perceber que estava sem calção, nem sunga. A sorte foi que Carrariño observou o esquecimento na saída do vestiário e impediu a entrada de Magu em quadra daquele jeito.

Entre todos esses jovens, a grande promessa da equipe era Jorge Guerra, o Guerrinha. Este se tornaria um dos grandes nomes da história do basquete francano e o grande ídolo da década de 80. Ele começou a jogar quando tinha apenas oito anos, influenciado pelos amigos do Clube dos Bagres. Foi se destacando, e acabou indo muito cedo para a equipe principal. Vestiu a camisa de Franca com apenas 16 anos e foi o jogador que mais o fez. Em 16 anos de clube, foram 956 partidas e 11.106 pontos. Jogou fora da cidade apenas por duas temporadas – 92/93 pelo Monte Líbano e 96 no Polti Coc de Ribeirão Preto, onde acabou se aposentando e virando treinador.

Guerrinha é mais um representante da escola de armadores de Franca. A cidade teve por quase 22 anos o armador titular da Seleção Brasileira. Primeiro foi Hélio Rubens, considerado o melhor jogador do Mundial de 1970, na Iugoslávia,

quando o Brasil foi vice-campeão mundial. Titular e capitão da seleção por nove anos seguidos – de 70 a 79 – Hélio disputou quatro mundiais, três olimpíadas e seis panamericanos. Guerrinha assumiu o posto de armador anos depois de Hélio ter deixado definitivamente a seleção nacional. Guerrinha participou de campeonatos mundiais, olimpíadas, sul-americanos e também de uma das principais conquistas do basquete brasileiro: o Panamericano de Indianápolis em 1987, quando os americanos, soberanos desse esporte, pela primeira vez perderam uma decisão em seus domínios. Mas a consagração desse franco veio no ano seguinte, na Olimpíada de Seul. Além de ser considerado o melhor jogador de basquete da competição, também foi dele uma das mais belas imagens daqueles Jogos. Na estréia contra o Canadá, Guerrinha converteu uma cesta antes do meio da quadra no finalzinho do jogo. Sua despedida foi em 1992, na Olimpíada de Barcelona.

Abrindo um parênteses: até hoje, no processo de renovação promovida por Hélio Rubens, a escola francana de armadores é destaque. Demétrius e Helinho estão se revezando e há também a opção de Valtinho, que ainda não está sendo aproveitado, mas tem muito potencial. Os três, apesar de não estarem mais na Capital do Calçado, se desenvolveram e se projetaram lá.

Voltando ao ano de 78, Sílvio e Wagner se somaram ao grupo de promessas da cidade. Esses dois também eram jogadores novos que terminariam seu trabalho de formação nas mãos do Seu Pedro. Para mesclar com essa juventude, a equipe ainda possuía a experiência de Hélio Rubens, Totô, Robertão e Fausto. Essa combinação acabou resultando em mais dois títulos brasileiros e um sul-americano, conquistado depois de muita polêmica.

O campeonato foi em Cúcuta, na Colômbia, em 1980. Do Brasil, além de Franca, havia o Sírio, que era o atual campeão do torneio e do Mundo. A ênfase na cobertura da imprensa estava toda voltada para o Sírio, e a equipe do interior corria pelas beiradas. Na última rodada, o Gynásio Esgrima da Argentina acabou sendo derrotado pelo Sírio. Com esse resultado, mesmo se Franca perdesse, haveria um tríplice empate, mas Pedroca e Hélio fizeram os cálculos e a equipe deles já era a campeã por ter um melhor saldo de cestas.

Mesmo assim, os francanos entraram quietos em quadra para enfrentar o time da casa, que até então não havia vencido nenhuma. O jogo complicou e, com um arremesso do outro lado da quadra, os donos da casa comemoraram a vitória por um ponto. Foi uma festa muito grande por parte do Cúcuta, que celebrava com sua torcida a primeira vitória e do Franca, que conquistava a taça. Distribuíram uma camisa onde se lia "Campeão Sul-americano". Quando os jogadores estavam ainda comemorando na quadra, os alto-falantes do ginásio anunciaram o Sírio como campeão. Ninguém entendeu nada. A equipe do Sírio fez uma comemoração discreta, enquanto José Martiniano, Pedroca e Hélio Rubens invadiam a sala da organização. No reboiço, descobre-se a falha: no jogo em que Franca vencera por 63 a 61 o Guaiqueris da Venezuela, o placar estava invertido nos cálculos. Franca voltou à quadra e caiu nos braços da torcida. "O ginásio, que era uma antiga arena de touros, parecia que era em Franca, tamanha a festa" relembra Martiniano.

Essa conquista credenciou mais uma vez a equipe francana a ser a representante da América do Sul no Campeonato Mundial realizado em Sarajevo na Iugoslávia. A Francana, que em 1980 contava com Hélio Rubens, Totô, Fausto, Robertão, Wagner, Sílvio, Guerrinha e Magu, conseguiu o empréstimo de três jogadores em nível de seleção - Gilson, Adílson e Marcelo Vido. Depois de estreiar bem contra a Universidade do Kansas, o próximo jogo seria contra o temido Real Madri, tricampeão entre 1976 e 1978. Foi nesse dia que ocorreu uma das mais inspiradas partidas da equipe francana. Seguindo à risca o esquema elaborado por Pedroca, a equipe brasileira venceu por 116 a 74. A exibição da equipe brasileira como um todo, e principalmente a atuação de Adílson foi ressaltada pelos principais jornais iugoslavos. O Jornal Sloboda – que significa liberdade – veio com a seguinte manchete: "Adílson, até onde você voa?".

Após essa partida histórica, Pedroca foi ao vestiário do Real Madri. No princípio, o pessoal o recebeu mal, mas ele já foi entrando, abraçando o técnico espanhol e explicando que ocorrera um fato atípico em quadra e isso não aconteceria mais com uma equipe daquele nível. A partir daí, começou a explicar o porquê da derrota. Foi chamando os jogadores e mostrando as falhas, uma a

uma, e o que deveria ter sido feito. Foi se formando uma roda em torno dele e, junto com as correções táticas, foi consolando o pessoal. Saiu aplaudido do vestiário. No ano seguinte, as duas equipes se encontraram novamente em um Mundial e adivinhem o placar? Os espanhóis venceram por uma diferença de 38 pontos. Parece que realmente prestaram atenção nas dicas de Pedroca.

A partida seguinte era contra a perigosa equipe do Macabi de Israel, da qual participavam dois norte-americanos que haviam jogado em equipes profissionais. Um deles, Earl Willians, tinha 2,05 m e seu porte físico assustou os francanos, que o apelidaram de "King Kong". Willians atuou muito bem frente à equipe de Franca, que parecia ter gasto todas as suas fichas no jogo contra os espanhóis. Com 28 pontos do norte-americano, Franca acabou sendo derrotada por 88 a 74. Essa vitória deu o título para o Macabi. Como em 75, Franca tinha a chance de conquistar o honroso vice-campeonato. O adversário dessa vez eram os donos da casa. Mesmo com toda a pressão das arquibancadas, a Francana derrotou o Bosna por 81 a 80 e calou o Ginásio de Skenderija.

A partir de 82, Franca ficou sete anos sem sentir o gosto da conquista de um paulista, um brasileiro ou um sul-americano. Apesar desse jejum, o basquete francano continuou construindo sua história. Em 1983, Pedroca deixou o comando da equipe. Depois de ensaiar várias vezes a despedida, Seu Pedro se afastou de sua grande paixão, porque começou a ficar hipertenso, e também decepcionado com a organização do basquete em geral. O cargo passou de forma natural para Hélio Rubens, que durante um ano e meio continuou como jogador. Hélio disse que como capitão do time já participava muito dos aspectos táticos e técnicos da equipe. "Foi uma aceitação total da equipe".

Para Hélio, o fato de iniciar a carreira de técnico justamente no período em que a equipe ficou mais tempo sem títulos não foi tão difícil assim. "A comunidade entendeu que não tinha como montar uma equipe competitiva trazendo jogadores de fora. Tive que lançar mão de jogadores jovens, mas isso foi me dando experiência no trabalho de formação".

Uma das principais revelações do início da década de 80 foi Marco Aurélio do Santos, mais conhecido como Chuí, que nasceu em Campo Grande e lá tinha

começado a jogar com 12 anos. Depois de uma passagem rápida por Araçatuba, Chuí foi com 16 anos fazer parte do juvenil de Franca, que tinha Fausto como técnico. Depois de um ano, já participava dos treinos do adulto e em 1983 chegava à equipe principal. Apesar de estar jogando hoje no Vasco da Gama, de já ter passado por outros times do Brasil e de ter jogado uma temporada na segunda divisão da Itália, o jogador construiu a maior parte na sua carreira em Franca. Com 38 anos, jogou mais de 13 anos por Franca, tempo suficiente para se transformar no maior pontuador da história do time francano: em 919 jogos, marcou 14.304 pontos. Chuí diz que quando o jogador vem muito jovem, ele acaba de formar a sua personalidade na cidade e isso cria um vínculo muito forte. "Minha mulher é francana, meus filhos nasceram na cidade e a gente fica muito triste quando tem que abandonar a estrutura formada em Franca". E foi esse jogador, junto com Guerrinha, que teve uma importante participação na década de 80, quando a equipe passou por dificuldades.

No período final da Francana, a equipe passou a ter dificuldades em sua gestão. A situação esteve tão complicada que o Rotary interveio para que a equipe de Franca não fechasse. Várias empresas se reuniram para patrocinar e isso acabou ocasionando até uma curiosidade: cada jogador francano jogava com o mesmo uniforme, mas com uma marca de empresa diferente. Para não haver briga entre as empresas por determinado jogador, a solução encontrada foi que a cada partida mudava jogador que iria usar a marca de determinada empresa. Quem salvou Franca nessa situação foram: Agabê, Prefeitura Municipal, Samello, Decolores, Sândalo, Francano, Pestalozzi, Terra, Paragon, Amazonas, Francal e Martiniano. Mesmo assim, em fevereiro de 1984, a crise administrativa na Francana estava insustentável, e um grupo liderado pelo Comendador Osvaldo Collesi resolveu assumir o basquete, que estava muito subordinado à ênfase que o clube dava ao futebol.

Depois da crise, novas conquistas

No início de 1984 nasce a Associação Francana de Basquetebol (AFB). A equipe deixou de usar as cores verde e branco e passou a usar o vermelho, branco e azul que até hoje representam o basquete na cidade. Dizer que Franca não ganhou nada no meio da década de 80 é mentira. A equipe conquistou três Jogos Abertos do Interior e foi mantendo boas campanhas nos campeonatos da federação. Em 1985, a equipe enfrentou na fase final do Paulista o Monte Líbano, que tinha sete jogadores da seleção brasileira. O time-base de Franca era formado por Guerrinha, Chuí, Sílvio, Carlão e Robertão. No banco, só meninos. Era uma partida para perder fácil, mas os meninos se empenharam e engrossaram o jogo. Os torcedores paulistanos, que abarrotaram o ginásio do Ibirapuera, viram o garoto Chuí brilhar. Foram 41 pontos e o suficiente para levar a partida a três prorrogações. Na última, Robertão acertou uma bola, mas o juiz invalidou e isso garantiu a vitória do Monte Líbano por 115 a 112. Pipoka, que jogava na equipe adversária, disse que essa foi uma das vitórias mais significativas de toda a sua carreira - e olhe que aí vão mais de 20 anos, com participação na memorável vitória do Brasil no Pan de 87 e de uma breve passagem no Dallas Maverick, uma equipe da NBA. Com a derrota, Franca acabou na terceira posição, o que foi uma colocação muito honrosa para os garotos do interior. No ano seguinte, Franca conquistaria o vice-campeonato, perdendo justamente para o Monte Líbano.

Com muitos sacrifícios e até perda monetária por parte do Comendador Collesi, a Associação Francana de Basquete encontrou o patrocínio da Power, Scopus e finalmente a Ravelli, uma nova fabricante de tênis. Foi com essa empresa que Franca voltou a estar no lugar mais alto do pódio dos grandes campeonatos. Em 1988, chegaram à cidade dois estrangeiros para reforçar a equipe: o pivô norte-americano Patrick e o uruguaio Tato Lopes. Nessa época, Guerrinha já havia deixado de ser uma promessa para se transformar numa das lideranças da equipe. Havia ainda a experiência de Fausto, a explosão e garra de Evandro, a força de Paulão e a juventude promissora de Fernando e Raul.

A quebra do jejum foi incontestável. O play-off final foi decidido num convincente quatro a zero, frente à equipe do Sírio, que contava com Marquinhos,

Vic, Luís Felipe e Paulão, além do "ex-francano" Chuí. Quem estava acostumado apenas com a vinda de jogadores dos EUA - o centro do basquete mundial - se assustou quando viu o latino Tato jogar. Nas quatro partidas finais Tato marcou 107 dos 387 pontos anotados por seu time, tornando-se responsável por quase 30% do aproveitamento de ataque.

Em maio de 89, a equipe muda de nome novamente. Dessa vez não por qualquer conflito ou crise financeira. Surgiu a possibilidade de um co-patrocínio da Sabesp para deixar a equipe ainda mais forte, só que na época era proibido ter duas empresas apoiando. A solução encontrada foi transformar a equipe em Franca Ravelli Basquetebol, com patrocínio da Sabesp. Alberto Carraro, que na época era diretor do AFB, comenta que Franca teve vantagens em ser um "clube desorganizado". A falta de um estatuto rígido e a ausência de um quadro associativo participativo foram fundamentais para Franca se adaptar às mudanças mais rápido que outros locais e isso contribuiu para que o basquete na cidade não fechasse as portas até hoje. "O fator desorganização foi muito importante. Para quem queria ajudar ou tinha dinheiro, a gente estava sempre aberto. Sempre foi um basquete de uma comunidade e não de um clube".

Nessa época Hélio Rubens, que já havia conquistado um título paulista como técnico, passou a ter seu trabalho de formação de jogadores e de inovações táticas reconhecidos nacionalmente. Foi assim que assumiu o comando da seleção brasileira em 1989. Em um período de dois anos, dirigiu a equipe em 41 jogos e obteve 33 vitórias e 8 derrotas. Os resultados mais significativos foram o campeonato Sul-Americano do Equador, em 1989, e a quinta colocação no Mundial da Argentina no ano seguinte. Essa curta passagem na seleção foi muito produtiva para a equipe francana. Foi observando a Iugoslávia no Mundial da Argentina que Hélio montou um novo esquema para Franca. Carlos Rodrigues, o Carlão, que era auxiliar técnico tanto na Ravelli quanto na seleção, explica que a inovação tática foi uma rotação ofensiva só possível devido ao entrosamento da equipe. Outro fator fundamental foi a presença de Evandro, que por ser muito versátil passou a ser uma peça fundamental. "Era uma equipe diferente".

Os resultados desse trabalho tático não demoraram a surgir. Em 90, A Ravelli repetiu a façanha de 75, quando ganhou tudo o que disputou. No ano seguinte, para repetir a trinca de títulos faltou apenas o bi paulista, mas mesmo aí a equipe ficou na segunda posição. No brasileiro a segunda conquista seguida foi contra o Perdigão-Ipê-Soler, de Jales. No Sul-Americano, o bi foi conquistado em casa e compartilhado com a torcida, que lotou o Pedrocão. Foi a primeira vez que Franca sediou um torneio internacional de grande porte. Participaram desse campeonato em Franca o Libertad do Paraguai, o Atenas da Argentina, o Petrox do Chile e o Neptuno do Uruguai.

Com a decadência dos clubes tradicionais de São Paulo, as disputas começaram a se concentrar principalmente em duas cidades do interior: Franca com sua tradição e Rio Claro com a motivação para conquistas inéditas. Esse conflito durou de 87 a 96. Iniciou com a conquista do primeiro paulista por Rio Claro e terminou quando esta cidade perdeu o patrocínio e não conseguiu encontrar outro incentivo. A rivalidade entre essas cidades foi construída em muitas partidas emocionantes. Rio Claro venceu a disputa no paulista com cinco taças contra três. No restante, Franca tem a liderança: nos campeonatos brasileiros são três contra dois; nos sul-americanos são dois contra um e nos panamericanos, a vantagem também é de dois a um. Nos 42 anos de história do basquete francano, o maior adversário continua sendo a equipe do Sírio. Contra ela, foram 146 confrontos, com 77 vitórias dos "caipiras do interior" contra 69 dos paulistanos.

Nem as temporadas irrepreensíveis de 90/91 impediram que a equipe modificasse seu nome pela sétima vez. Devido a uma ingerência administrativa da Ravelli e ao descontentamento de jogadores e da comissão técnica, surgiu no início de 1992 o Franca Basquete Clube (FBC), que pretendia manter o gerenciamento da equipe independente do patrocínio

Projeto mal compreendido

Foi no início da década de 90 que nasceu na cidade outra equipe de basquete, o Yara Clube. Franca tornou-se a primeira cidade do interior do Brasil a possuir duas equipes de basquete – continua sendo a única até hoje. Mas o que seria motivo de orgulho virou uma crise de vaidades. O período de coexistência, que durou sete anos, foi marcado por intrigas, disputas de diretorias e até brigas campais na quadra. Mesmo assim, a nova equipe conseguiu em pouco tempo ser reconhecida no basquete nacional.

A idéia de criar uma segunda equipe em Franca veio quando Robertão já havia parado de jogar pela cidade, mas pelo amor à prática de esporte, aceitou o convite de Totô para jogar no Arberisa de Ribeirão Preto. Ele e mais quatro jogadores de Franca viajavam três vezes por semana à cidade vizinha para treinar. Só com esses francanos que jogavam em Ribeirão já daria para montar uma equipe na cidade para disputar segunda divisão. Robertão se entusiasmou com o projeto e encontrou apoio no veterano Fausto, que via com bons olhos a idéia de uma outra equipe secundária na cidade para absorver muitos jogadores que não tinham chance de florescer na equipe principal.

Depois de muito custo, conseguiram o apoio do Yara - um clube criado em 1955, que sempre tivera uma estrutura discreta e muito mais ligada ao futebol. Mas o Yara não era um patrocinador e apenas aceitou se inscrever na Federação Paulista de Basquete (FPB). Nesse início, ninguém ganhava nada para jogar. Todos viajavam em carro próprio e ganhavam apenas uma ajuda de alimentação da Prefeitura. Tom Zé, que trabalhava na Sabesp em São Paulo, foi transferido para Franca e esse trio de veteranos é que foi a base da equipe. No início, o Yara não tinha nem dez jogadores. Robertão conta que tiveram até que adaptar um jogador de handebol da cidade.

E foi assim, revivendo em plena década de 90 o período romântico do basquete francano, que o Yara entrou para disputar a segunda divisão em 90. Terminou em terceiro lugar, mas subiam cinco equipes para a série A-2. Nessa categoria, a equipe fez uma ótima participação e apesar de perder a final para o Transuc de Campinas, acabou ganhando o direito de participar da Divisão

Principal em 92. Robertão parou de jogar aos 44 anos, quando a equipe subiu para a Série A-1.

Apesar da saída do idealizador do projeto, a estrutura do Yara já estava montada e em 1992 ganhou um aspecto mais profissional. O time conseguiu o patrocínio do tênis Dharma, que era uma empresa emergente. O elenco e a comissão técnica passaram por uma reformulação. Carlão - auxiliar técnico de Hélio entre 1989 e 1992 - aceitou o desafio de assumir o comando de uma equipe. A vinda de novos jogadores começou a aprofundar as diferenças entre as duas equipes, principalmente depois que Fernando Minucci – melhor jogador do Franca Basquetebol Clube na época – acabou trocando de equipe sem deixar a cidade. Uma das propostas do Yara era não levar jogadores do Franca, justamente para não provocar o adversário, mas o caso de Fernando era diferente. O Franca Basquete Clube estava com dificuldades financeiras e outros jogadores também saíram no período. Além disso, o jogador casou-se com a filha do presidente do Yara e gostou da idéia de participar de um novo projeto.

O primeiro jogo entre as duas equipes de Franca foi um amistoso no dia 12 de maio de 1992. O Franca Basquete estava sem a presença de seus principais jogadores e acabou sendo derrotado por 51 a 102. Mas esse jogo foi atípico. A maioria dos outros 32 duelos foi marcada por um placar disputado, em que prevaleceu a tradição da equipe mais antiga. No geral, foram 26 vitórias contra sete do Yara. A maior parte desses confrontos ficou longe do espírito esportivo.

O pessoal do Dharma Yara já esperava que no clássico da cidade a torcida toda fosse para o Franca Basquete. Mas eles esperavam também ser adotados como um segundo time, ganhando o apoio da massa em partidas contra os outros adversários. No começo isso aconteceu, mas depois a torcida passou a ver o Dharma Yara como uma dissidência do Franca Basquetebol e acabou-se a participação. Fernando, que jogou nos dois e por isso conhece muito bem os bastidores das duas equipes, considera que essa aversão à nova equipe não surgiu das arquibancadas. "Foi uma rixa entre os diretores, na qual a cidade foi envolvida e na hora de tomar partido é lógico que escolheu a equipe da tradição, mas não precisava ser assim".

A diretoria do Franca Basquete até hoje não considera o Dharma como um representante da cidade. Sérgio Aleixo, que tem a estatística de todos os jogos da história do basquete francano, não inclui o Dharma Yara em seus cálculos. "Fundaram para derrubar a equipe representante da cidade". Essa rivalidade nada sadia entre as diretorias foi crescendo, e depois de atingir as arquibancadas, acabou invadindo também as quadras.

Não que chegava a haver inimizade entre os jogadores das duas equipes, mas a relação de cordialidade que é comum até hoje entre as equipes de basquete deixara de existir. O Franca Basquetebol treinava no Poliesportivo das 16:00 as 18:00 e o Dharma, logo em seguida. Tom Zé, do Dharma, recorda que a competitividade chegou a tal ponto que era preciso dar a volta para as equipes não se encontrarem. "O Rogério e o Gema eram amigos quando jogavam no Monte Líbano. Depois que vieram para Franca defender equipes diferentes, deixaram até de se falar com medo dessa rivalidade mórbida".

O momento mais crítico foi a partida do retorno do Campeonato Paulista de 1993, quando houve uma briga campal envolvendo as duas equipes, que só terminou com a intervenção da polícia. O início foi um desentendimento entre Demétrius, do Franca, que fazia uma bandeja, e Cadum, do Dharma. No meio da discussão houve o choque entre as principais estrelas de cada time: o norte-americano Dexter, do Franca Basquetebol, e Fernando, do Dharma Yara, que acabou levando um soco do estrangeiro. A confusão foi envolvendo os outros jogadores e comissões técnicas. Fernando mostra uma das consequências da perda do espírito esportivo na cidade: "Não fiquei com mágoa de ninguém, tanto que voltei a jogar no Franca Basquetebol, mas naquele momento fiquei desmotivado de estar na cidade. Foi quando fui para o Corinthians"

Apesar do incidente, esse campeonato foi o primeiro resultado significativo da jovem equipe do Yara. Para essa temporada, a equipe, que já contava com Tom Zé e Fernando, trouxe reforços como Cadum, Gema, Edu Mineiro, Raul e os estrangeiros Leon Jones e César Portillo. Mas o grande destaque foi a volta à cidade de Guerrinha, que, depois de uma temporada no Monte Líbano, aceitou o convite do Dharma. "Para mim o Yara é tão Franca quanto a outra equipe que eu

tanto defendi” explica o jogador. Com essa boa equipe, o Dharma Yara se classificou para a fases finais que foram realizadas no Ibirapuera. Na semifinal, adivinhem quem foi o adversário? No duelo doméstico a equipe do Franca Basquete acabou vencendo um jogo disputado. No final, depois de o Dharma ter aberto 99 a 94, a equipe se desconcentrou e viu o rival virar por 101 a 99. Na decisão, Franca acabou derrotada por Rio Claro e o Dharma conquistou o terceiro lugar em cima do Palmeiras.

No ano seguinte viria a única conquista dessa nova equipe francana. Representando a cidade, o Dharma foi campeão dos Jogos Abertos, derrotando na final a equipe do Suzano por 82 a 81. Ainda em 94, aconteceria mais uma das ironias do esporte. Depois de toda a agressividade entre as duas equipes, o Franca Basquete dependia do Yara para alcançar as finais da Liga Nacional. “Nunca vi tanta gente gritando o nome do Dharma” explica o técnico Carlão. A situação era a seguinte: as oito equipes semifinalistas foram divididas em dois grupos de quatro, e apenas os campeões de cada chave se enfrentariam na final. Em um grupo ficaram Jales, Flamengo e as duas equipes de Franca. O último jogo era entre Yara e Jales e a classificação ainda estava aberta para três equipes. Jales garantiria a vaga se vencesse. Já o Dharma precisava vencer por uma diferença de mais de 11 pontos. A vitória por um placar menor classificava o Franca Basquetebol. Assim, a torcida era para o Dharma, mas até um certo limite. Carlão recorda que quando a equipe ganhava por oito pontos foi lançada uma garrafa de água na quadra, o que resultou em uma falta técnica contra a equipe francana. No final, houve uma discussão, cada equipe terminou com quatro jogadores e o resultado foi uma vitória de três pontos dos francanos. O Franca Basquetebol foi às finais, mas acabou sendo derrotado pelo Corinthians, do Rio Grande do Sul.

Em 1995, o Dharma Yara mostrou que também vinha da Capital do Basquete e acabou chegando ao vice-campeonato brasileiro, quando foi derrotado no play-off final por três a um contra Rio Claro. Apesar dos bons resultados, os proprietários do Dharma ficaram chateados com essa repercussão negativa na cidade e acabaram retirando o patrocínio no final de 96. Durante esse ano houve

diversas negociações para fundir as equipes, mas não houve acordo, já que a diretoria do Franca Basquete queria que o Dharma entrasse apenas como patrocinador, e a empresa queria levar a estrutura de gerenciamento que havia dado certo no Yara.

A retirada do patrocínio foi anunciada à véspera do Brasileiro. Como o Yara possuía a vaga, um grupo de jogadores liderado por Tom Zé e Guerrinha tentou manter a equipe. Na cidade estava praticamente impossível encontrar uma empresa que aceitasse desafiar o pensamento dominante. A solução veio com o Colégio COC, que aceitou patrocinar a equipe, junto com a Polti, uma empresa de vaporizadores. Só que estas empresas queriam levar a estrutura para outra cidade, justamente para acabar com aquela rivalidade nada sadia. É assim que Ribeirão Preto entrou na Liga Nacional usando a vaga do Yara, e Franca perdeu a oportunidade de continuar com suas duas equipes. Tom Zé avalia por que esse projeto não deu certo. "Existe uma coisa que não combina com esporte é vaidade. Quando se admira o trabalho de um outro grupo é muito mais saudável".

Entre altos e baixos

Com a saída do Yara, Franca voltou a ser representada apenas pelo Franca Basquetebol Clube (FBC). Em quase uma década sob esse nome, a equipe vem alternando altos e baixos, principalmente por falta de um patrocínio forte e duradouro. Desde 1992, a equipe já foi bancada por Sabesp, All-Star, Satierf, Cougar, Cosesp, Gallus, Marathon e pelo patrocinador atual, a Unimed. No primeiro ano do FBC, sob o patrocínio da Sabesp, a equipe conseguiu o maior número de vitórias seguidas. Foram 43 vitórias e nenhuma derrota entre 2 de setembro de 1992 a 2 de março de 1993, quando a equipe perdeu para o Palmeiras por 95 a 94. O grande responsável por essa façanha foi o indisciplinado norte-americano Dexter Shouse, talvez o mais talentoso estrangeiro que já atuou no basquete do Brasil. Nesse período a equipe foi campeã paulista e só não ficou invicta porque perdeu na estréia para o Palmeiras, quando Dexter ainda não fazia parte da equipe.

Em 1993, aconteceu a primeira Copa América Interclubes em Quito no Equador. Com uma boa campanha, a equipe chegou à final contra o Atenas de Córdoba. O favoritismo era dos argentinos, que tinham vencido os francanos na final do sul-americano daquele ano e na primeira rodada deste torneio. Mas na decisão, a empolgação de 5.000 pessoas no Coliseu Ruminahi torcendo pelos francanos foi o suficiente para mais um momento de superação. Franca ganhou dos argentinos e da lógica por 115 a 105.

Mais do que essa conquista inédita, o ano de 1993 ficará na história não só do basquete francano, mas de toda a América Latina, como a primeira vez em que um representante sul-americano foi ao McDonald's Championship - único torneio do mundo que reúne equipes da Federação Internacional de Basquete (FIBA) e da Associação Norte-Americana de Basquete (NBA). Criado em 1987, o torneio acontece a cada dois anos e ganhou o status de campeonato mundial desde que a antiga Copa William Jones foi extinta. No torneio realizado em Munique, o All Star Franca estreou com derrota para o Buckler Bologna. Com essa derrota, a equipe já foi eliminada da chance de disputar as primeiras colocações. Na disputa do quinto lugar, venceu por 104 a 97 o Bayer Leverkusen. Franca ficou sendo o único representante brasileiro a participar dessa elite do basquete até 99, quando o Vasco da Gama fez uma excelente campanha e foi o "campeão moral", já que sofreu apenas a esperada derrota na final para o campeão da NBA, o San Antonio Spurs das "Torres Gêmeas" Tim Duncan e David Robinson. Note-se que essa façanha da equipe carioca contou com a participação de seis ex-jogadores do Franca.

No início de 94 a equipe francana se voltou para a Liga Nacional, onde defendia o título contra o Pitt Corinthians do Rio Grande do Sul. O time paulista aproveitou-se do mando de quadra nas duas primeiras partidas da série melhor de cinco e já foi abrindo uma confortável vantagem de dois a zero. Apesar de as outras partidas serem em terras gaúchas, todos já estavam confiantes no bicampeonato. Veio a terceira partida e os corintianos reduziram a vantagem. No quarto jogo, Franca esteve mais perto do título, mas viu a decisão ser levada para a última partida ao perder por 99 a 98. Embalado pela recuperação no play-off e

pelo apoio da torcida, o time gaúcho conseguiu abrir uma pequena vantagem no final da quinta partida, depois de Franca estar ganhando de 10 pontos no primeiro tempo. Os gaúchos foram equilibrando até vencer por 99 a 92. Depois de 20 anos, o Brasil via novamente um campeão nacional de basquete que não era de São Paulo.

Nesse ano, o ginásio Pedrocão foi fechado para uma reforma e ampliação. Durante dois anos, as duas equipes da cidade tiveram que se adaptar e realizar seus jogos no pequeno Ginásio Champagnat. Mas o sacrifício valeu a pena. Embora muitos na cidade acreditem que o dinheiro gasto na reforma daria para ter construído um ginásio do mesmo tamanho sem perder o antigo, o novo Pedrocão recebeu uma digna reinauguração, com a realização da IV Copa América. Com capacidade para 7.500 lugares, o "Templo do Basquete", como é chamado pelo jornalista Armando Nogueira, foi o primeiro do país a colocar um placar eletrônico de quatro fases, bem no centro do ginásio, seguindo os moldes do basquete da NBA.

A competição teve a participação das duas equipes da cidade – Dharma e Cougar -, além do gaúcho Corinthians, dos argentinos Independiente de Pico e do Atenas de Córdoba, do mexicano Rayados de Monterrey, do salvadorenho Club Denver e do chileno Concepción. Todos esperavam uma final caseira, mas o Dharma acabou conseguindo se classificar apenas para a decisão do terceiro lugar. Mesmo assim, o ginásio estava superlotado, tendo sido ocupados inclusive os anéis que separam as cadeiras da arquibancada. Depois da preliminar, em que o Dharma venceu o Independiente por 118 a 96 e garantiu um lugar no pódio da competição, o Cougar entrou para enfrentar o Atenas e, ainda no aquecimento, já recebeu todo o apoio da torcida, que não parou mais até se calar a quatro segundos do final da partida. Quase oito mil pessoas viram o arremesso certeiro de três pontos do norte-americano Greg Dennis determinar a vitória da equipe argentina por 81 a 78. Os torcedores reconheceram os méritos do Atenas, que saiu de quadra aplaudido, após uma discreta comemoração. Essa derrota fez com que Franca repetisse o ano de 95, quando não conseguiu levantar nenhuma taça.

Porém em 1997, a equipe já fez com que esse jejum acabasse e levou o paulista, o brasileiro - em uma revanche contra o Corinthians do Rio Grande do Sul - e a Copa América pela terceira vez. Essas conquistas trouxeram Hélio Rubens de volta ao comando da seleção, com a missão de liderar a reformulação da equipe depois da saída de Oscar no final da Olimpíada de Atlanta em 1996. Apesar de o país ter ficado fora da Olimpíada de Sidney, esse projeto de longo prazo tem recebido um voto de confiança e os resultados não devem demorar a ocorrer. Até agora as campanhas mais significativas foram em 1999, quando o Brasil conquistou o título do sul - americano e do panamericano. Em 2001, o Brasil ficou em segundo lugar no Sul-Americano e na Copa América, quando assegurou vaga para o Mundial que vai ocorrer agora em agosto de 2002 em Indianápolis. Nessa volta de Hélio Rubens já se registraram 114 jogos, com 80 vitórias da seleção, o que significa um aproveitamento de 70%.

Com a perspicácia do técnico da seleção, Franca se classificou para a final do paulista de 97, onde enfrentou uma nova equipe, mas uma antiga rival: o Polti-Coc de Ribeirão Preto, que era a continuidade do Yara. Essa disputa também marcou o primeiro duelo entre técnicos de Hélio Rubens e Guerrinha. A experiência acabou prevalecendo e Franca fechou a série final em três a zero. Na Liga Nacional de 98, os dois protagonistas da decisão voltariam a ser os mesmos, mas o espetáculo dessa vez teria muito mais emoção e um novo palco.

Pelo regulamento da competição, as partidas finais não poderiam ser disputadas em um ginásio com capacidade menor que 6.000 pessoas. Impossibilitado de utilizar o ginásio da Cava do Bosque, em Ribeirão Preto, o Polti-Coc levou as partidas em que a equipe tinha o controle da quadra para Araras - que foi escolhida por ser a sede da Polti. O Polti-Coc foi muito bem recebido em Araras e com total apoio saiu vitorioso na primeira partida. A decisão foi para Franca e, num final emocionante, a equipe visitante venceu por 87 a 85. A principal causa dessas duas derrotas seguidas da equipe francana foi a ausência do ala Chuí. Isso fez com que a equipe tivesse que mudar o esquema vencedor que utilizara ao longo de todo o campeonato. A equipe, que vinha inovando e jogando com quatro abertos - Demétrius, Helinho, Rogério e Chuí - e apenas um

pivô - o dominicano Vargas - teve que adotar nessas duas partidas iniciais o esquema tradicional, com um armador, dois alas e dois pivôs.

Aquela maré de azar de Franca não se resumia apenas ao Campeonato Brasileiro. A Liga Sul-Americana também se encaminhava para a fase final e o adversário era o Atenas, da Argentina. Essa decisão também começou com dois a zero para o adversário – a primeira por 68 a 62 na Argentina e a outra em Franca por 78 a 75. Mas, como a decisão era a melhor de três, a equipe francana não teve tempo de se recuperar e teve que se contentar com a segunda colocação. Com quatro derrotas seguidas, Franca voltou para a terceira partida da Liga Nacional com o retorno de Chuí e toda a disposição para sair com pelo menos uma taça.

Nessa partida, novamente em Franca, a equipe conseguiu diminuir a vantagem e foi para Araras, com a obrigação de vencer dois jogos. Ao final do primeiro, a série estava empatada. Tudo ficou para o último e decisivo confronto. Franca venceu por 83 a 73 e conquistou um título que parecia perdido. No jogo final houve uma confusão iniciada pelo norte-americano Wes Matthews, ex-profissional dos L.A.Lakers, que ao ver a consumação da derrota para a equipe francana, acabou provocando o dominicano Vargas, que reagiu e transferiu a confusão para o restante dos companheiros. Esse incidente manchou uma das mais impressionantes viradas da equipe francana.

A partir dessa temporada, Franca passou a ser vítima de um fenômeno constante: o desmanche de sua equipe, com a saída dos principais jogadores a cada grande conquista. Após Franca conquistar o bicampeonato brasileiro, o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, que já tinha Janjão - jogador revelado em Franca e de nível da seleção brasileira -, levou numa tacada só o tripé-base formado pelo armador Demétrius, o ala Rogério e o pivô dominicano Vargas. Quando todos pensavam que a equipe iria ficar perdida, Helinho e o pivô Sandro Varejão assumiram a liderança do time e levaram Franca para a terceira final seguida da Liga Nacional, justamente contra o Vasco da Gama. Nas quatro primeiras partidas da série final, cada equipe usou bem o direito de jogar em casa e a decisão ficou para a última partida no Rio de Janeiro. Toda a lógica

encaminhava para a conquista inédita da equipe carioca, mas Franca foi endurecendo o jogo, conseguiu levar para a prorrogação, e acabou batendo o Vasco em seus domínios por 84 a 80. Acabou sendo de Franca o primeiro e único tricampeonato da história do Nacional masculino de basquete.

Terminado o Campeonato Brasileiro de 1999, os dois jogadores de maior destaque da equipe francana também foram para a equipe carioca. Levar o time inteiro do Franca parecia suficiente para tomar o Vasco uma equipe imbatível - até porque ela já tinha outros jogadores de nível, como Charles Bird e Aílton. Veio a Copa América em Santo Domingo, na República Dominicana, e a nova geração dos francanos voltou a testar a soberania do Vasco. Mais uma prorrogação, mas a vitória foi novamente de Franca, dessa vez ainda mais dramática: 88 a 87. A equipe carioca ficou ainda mais perplexa, sem entender o que acontecia com aquela cidade do interior que não perdia o ritmo, independente dos jogadores que lá estavam. Como última cartada, O Vasco decidiu fazer uma proposta irrecusável para levar Hélio Rubens, já técnico da seleção. Foi só aí que os ex-jogadores de Franca voltaram a ter a cara da cidade e levaram o Vasco à conquista do bicampeonato brasileiro 2000/2001.

A saída de Hélio Rubens interrompeu um período de mais de 40 anos em que ele participou ativamente da equipe francana. Como jogador, foram 911 jogos em mais de 25 anos. Nesse período foram conquistados cinco brasileiros, quatro paulistas e quatro sul-americanos. Como técnico Hélio superou o Pedroca, não em tempo no comando, mas no número de partidas que dirigiu a equipe. Foram 1275 vezes, e o resultado desse trabalho veio na conquista de seis títulos brasileiros, quatro paulistas, dois sul-americanos e quatro panamericanos. O único título importante do Franca de que Hélio não participou foi exatamente a última conquista do Campeonato Paulista, quando já estava no Vasco da Gama. Além do aspecto financeiro, a saída do técnico foi motivada pela decepção com a estrutura do basquete francano. "Tudo estava em cima das minhas costas e do Fransérgio. Aceitei ir ao Rio de Janeiro até como forma de provocar uma reação na cidade, que até hoje não veio".

Em fevereiro de 2000, Daniel Wattfy assumiu o comando da equipe. A cidade conseguiu manter boas campanhas, mesclando a experiência de Fernando Minucci, Chuí e Edu Mineiro com a explosão de Valtinho e Márcio, mais a aposta em revelações como Estevam. Nos dois últimos brasileiros a equipe acabou sendo derrotada na semifinal, justamente pelo Vasco da Gama. No Paulista de 2000, a equipe foi ainda mais longe. Chegou à final contra Bauru e não deu oportunidade a que o time de Guerrinha conquistasse o bicampeonato. Fechou a série por três a zero, ganhando a última partida no Ginásio Panela de Pressão, em Bauru.

Em agosto de 2001, com dificuldades de patrocínio, a equipe sofreu nova reformulação. Valtinho e Márcio foram para o Uberlândia, Fernando se aposentou devido a uma inflamação no joelho e Chuí foi se juntar à comunidade francana no Vasco da Gama. De contratações, apenas o armador Fúlvio, que veio do Casa Branca. Com exceção de Estevam e Edu Mineiro, a equipe é a mesma que em 2000 foi ano campeã paulista juvenil. Um dos maiores destaques dessa nova geração é Anderson Varejão, com 19 anos. Depois de ter sido eleito o melhor jogador do Campeonato Paulista de 2001, aceitou a proposta de defender o Barcelona, da Espanha, nas próximas duas temporadas. Anderson é mais um fruto da escola francana que a cidade não teve como segurar.

Desafios fora de quadra

É cada vez mais comum que jovens de todos os cantos do país venham a Franca para iniciar ou terminar sua formação no basquete. Depois de se destacarem nas equipes de base e até na equipe principal, acabam saindo para se destacar em outras equipes, inclusive no exterior. É o caso de Gilsinho – filho do Gilson que brilhou na equipe francana na época do Amazonas - e de Jorginho e Guilherme, que depois de se formarem em Franca participaram com destaque do campeonato universitário norte-americano em 2001.

Fernando Minucci, que veio com 15 anos para a Capital Nacional do Basquete, explica que ninguém fica em Franca por dinheiro. Dos 20 anos de carreira, jogou 15 na cidade e todas as vezes que saiu foi para obter uma

condição financeira melhor. Os motivos que levam o jogador a vir para a cidade e ficar por uma proposta menor são a estrutura de ensino, o envolvimento 100% da cidade, e uma relação de amizade que transcende o aspecto profissional. “Essa estrutura que Franca oferece ajuda o jogador a capitalizar a sua imagem”. É por isso que está cada vez mais difícil segurar os bons jogadores.

Essa exportação de atletas não foge das estatísticas de Sérgio Aleixo. Na Liga Nacional 2001, havia 32 jogadores que tinham saído de Franca ou já haviam passado por lá. No último Paulista foram 16. Aliás, a “Escola Francana de Basquetebol” está indo além da exportação de grandes craques. Hoje existem vários técnicos começando a se destacar no cenário nacional, depois de terem aprendido os ensinamentos do Pedroca. Além de Hélio Rubens e de Daniel Wattfy, são legítimos divulgadores da filosofia de jogo francana: Guerrinha - hoje no Bauru -, Tom Zé - em Araraquara - e Carlão – em Mogi das Cruzes.

Se por um lado esse fenômeno é um reconhecimento do trabalho da cidade, uma leitura mais atenta pode indicar que Franca não está tendo uma estrutura organizada fora das quadras que consiga sustentar décadas de tradição. O basquete na cidade sempre se baseou na colaboração e isso trouxe mais coisas positivas do que negativas, mas o esporte mudou, com uma nova realidade financeira. Antes, “passar o chapéu” entre os colaboradores resolvia, mas os custos foram ficando muito altos e agora precisa-se de outras formas.

Tentando entender quais são as principais dificuldades do basquete de Franca para se adaptar às novas regras de mercado, é que o ex-jogador Fausto – Fausto Cisoto Gianechinni - defendeu em 1998, a tese de mestrado em propaganda e marketing “O Basquete de Franca: Marketing na Construção da Imagem Empresarial”. O trabalho foi dividido em entrevistas com três grupos: jogadores, técnicos, dirigentes, pesquisadores, radialistas e jornalistas; empresários que já patrocinaram o basquete francano; e por fim os empresários do setor calçadista.

O primeiro grupo definiu o basquete na cidade como garra, superação, vitória, formação de caráter, espírito democrático e indiscriminação – racial, social, ideológica. Para os oito entrevistados o basquete é uma empresa, que,

comparada a outras do ramo, se coloca acima através do seu patrimônio – troféus - e sua credibilidade. No entanto do ponto de vista financeiro não sabe vender seu produto; precisa aprender as regras do mercado e ser administrada com nova mentalidade. Como disse um dos entrevistados, o basquete de Franca é uma empresa com duas imagens: dentro da quadra ela é competitiva, empolgante; fora, é doméstica, provinciana.

Para os ex-patrocinadores entrevistados, os traços do Franca Basquete que podem servir de exemplo para empresas de ramos diferentes são a luta constante, o otimismo e o comando no basquete. Os empresários calçadistas concordam que o basquete francano é uma empresa vencedora, carismática e de sucesso, mas que precisa fazer com que mais pessoas saibam dessa realidade. Fausto conclui que faltam pessoas especializadas e um projeto definido com metas a curto, médio e longo prazo.

O Franca Basquetebol hoje está organizado em uma diretoria com profissionais de outras áreas, que são colaboradores. Não existe o gerente esportivo, que é um cargo remunerado e exige pessoas especializadas. Falta também uma sede. Hoje o Franca Basquete funciona em um espaço cedido pela Prefeitura Municipal: duas pequenas salas no fundo do Pedrocão.

Uma solução para modernizar a estrutura do basquete francano seria um maior envolvimento entre os dois setores que mais projetam a cidade: o basquete e as empresas de calçado. Para Fausto isso não ocorre porque o patrocínio esportivo é ligado a um produto, e as empresas em Franca não se destacam pela linha esportiva. “Nenhum empresário vai investir se não tiver um retorno”. Mais que alguns patrocínios isolados, muitos na cidade acreditam que a saída seria uma contribuição maior das empresas de calçado em conjunto. Uma das idéias propostas na época em que Fransérgio participava mais ativamente da direção do clube era que a equipe jogaria apenas com o nome “Calçados Franca” e os custos seriam divididos entre as empresas. Para não onerar ninguém, seria feita uma classificação em três ou quatro categorias e haveria cotas diferenciadas, dependendo da realidade financeira de cada grupo.

Outra tentativa estudada pela diretoria foi criar um clube independente de patrocínio e que dependesse apenas de seus associados, seguindo o modelo da equipe de futebol do Barcelona. Em 1999, foi criada a figura do "Sócio-Torcedor", que paga uma mensalidade de R\$ 20,00, independente de estarem ocorrendo competições ou não, mas tendo como vantagem uma cadeira cativa e estacionamento privativo. Se fossem vendidas as 3.100 cadeiras a esse preço e 3.900 lugares na arquibancada pela metade, a equipe teria uma renda mensal fixa de R\$ 100.000,00 – o custo mensal da atual equipe é de aproximadamente R\$ 60.000,00. No primeiro ano, o Franca Basquete conseguiu quase 2.100 participantes, mas apenas um terço desse total eram pessoas físicas. No ano seguinte a adesão caiu pela metade e até o início do Paulista de 2001, o clube tinha apenas 510 sócios-torcedores. O porquê de uma campanha como essa não conseguir resultado em uma cidade com mais de 300.000 habitantes que respira basquete é a grande dúvida.

Enquanto esses projetos não têm o andamento esperado, um grupo de entusiastas resolve o problema imediato da falta de patrocínio. Por enquanto, a Unimed está apoiando, mas com uma cota emergencial que não cobre todas as despesas da equipe. A saída do técnico da seleção brasileira dificultou ainda mais esse processo, já que os últimos patrocinadores sempre foram conseguidos através da participação e da credibilidade de Hélio Rubens. Resta saber se o clube vai ter condições de se adaptar às novas necessidades o mais rápido possível, para não ser mais um dos tantos clubes brasileiros que tiveram que fechar as portas. Ou se vai seguir apostado em que apenas a paixão da cidade vai continuar sendo o suficiente para manter o sucesso da equipe.

Vidas ao basquete

Dedicar uma vida a um esporte e a uma cidade. Dezenas de abnegados fizeram e fazem isso na Capital do Calçado e seria impossível citar todos. Sérgio Aleixo de Paula, Saiuri Yoshimura, Jovassi Correia Dias, Jubileu Ferreira dos

Santos, Marco Aurélio Magrin são alguns dos que representam esse grupo de sustentação do basquete em Franca. Muitos dessas pessoas nunca chegaram a jogar basquete, mas desenvolveram um amor pelo esporte e pela cidade que os tomam parte do sucesso da equipe.

O professor Sérgio, como gosta de ser chamado, começou a acompanhar a equipe ainda no período inicial do Clube dos Bagres. Antes disso, havia até praticado um pouco de "bola ao cesto" quando estudava no IETC, mas diz que sempre foi muito ruim. O seu grande desafio, não só no basquete, como em qualquer outro esporte, era vencer sua visão binocular - um desvio hereditário que não lhe permite enxergar as laterais. Muitas vezes sem ver o adversário, tomava-se muito violento. Abandonou a prática, mas nunca o esporte. Ainda como aluno, ajudava o Professor Artur Ewbank, fazendo as funções de mesário. Para marcar os 30 segundos de posse de bola, as faltas e fazer a súmula das partidas normalmente são necessárias três pessoas, mas muitas vezes Aleixo fazia tudo sozinho. "Só não apitava" brinca.

Sérgio Aleixo saiu do IETC em 1949 e se formou professor normalista. Foi para as cidades Tupi Paulista e Dracena e só retornou a Franca no final da década de 50, quando o basquete já fervia nas mãos de Pedroca. Sérgio acompanhava esse crescimento à distância, até que um dia Seu Pedro reclamou ao professor Ewbank que precisava de um braço direito para lhe auxiliar, e a resposta foi imediata: "Vamos atrás do Sérgio que ele dá conta do recado". Foi assim que conheceu o técnico - de quem se tomaria muito amigo - e assumiu as funções de roupeiro, mordomo, assistente e muitas outras. Aliás, Sérgio reconhece no seu trabalho mais de 24 funções, que ele resume em ser "honestamente esportista".

Ele aceitou essas incumbências, mas nunca deixou de trabalhar. Aliás, diz que nunca ganhou nada com o basquete. Como funcionário público tinha dispensa quando era preciso representar a cidade nos Jogos Abertos ou o país no exterior. Outras competições eram todas viagens rápidas que dava para acompanhar com um pouco de esforço e compreensão dos diretores de escola. Às vezes, chegava à cidade de madrugada e já ficava direto no serviço.

Todo esse esforço e dedicação à equipe são sem dúvida importantes, mas o grande diferencial desse homem foi ter se preocupado em registrar tudo o que aconteceu nos 2.588 jogos da equipe do Franca, até 5 de maio de 2001. Aleixo conta que desde o começo achava que estatísticas eram importantes, pois eram documentos históricos. “Falava com um, com outro, e não virava nada. Então comecei por minha conta”. Começou a guardar todas as súmulas, mas isso não foi tarefa fácil. Muitas vezes pegou no lixo dos ginásios cópias amassadas ou apenas o carbono. Outras vezes, não conseguia na hora, mas recebia depois uma cópia enviada pelos adversários. Ficou até um período na Federação Paulista em São Paulo vasculhando os arquivos. Todo esse sacrifício valeu a pena e Aleixo se orgulha de ter dados “que a CBB e a FPB não possuem”.

Hoje, é difícil perguntar alguma coisa da história do basquete de Franca que esse homem não saiba. O jogador mais alto? Emil Rached com 2,23m. O mais baixo? Paulinho com apenas 1,48 m. A maior contagem foi de 201 a 35 contra Borborema em 08 de setembro de 1993, em partida realizada em Matão. Aleixo tem inclusive um cálculo aproximado da platéia presente às partidas em Franca. Seriam 5.150.616 pessoas, que daria uma média de 1990 por partida. Está tudo arquivado não apenas em sua cabeça, mas em pastas e cadernos. Muitos dos dados dessa reportagem foram fornecidos por essa enciclopédia. Aleixo sempre foi solícito, mas é muito zeloso e até um pouco ciumento desse trabalho. Afinal, o professor Sérgio sabe que esses dados são um precioso tesouro, ainda que não reconhecido. A cada pergunta minha, o professor Sérgio se levantava, pegava uma de suas 27 pastas e voltava. Com ela na mão, ia certinho na resposta, falava e fechava novamente. Poucas coisas tive oportunidade de folhear. Outra característica de seu arquivo é que as coisas não estão todas juntas. Em uma pasta ele tem o resultado do jogo, na outra quem foi o cestinha e em uma “folha perdida” de um outro caderno há uma curiosidade sobre esse mesmo jogo. “Assim, mesmo que eu perca uma dessas pastas, o sujeito não vai ter a história completa” explica Aleixo.

Com o objetivo de transformar tudo isso em um livro, nem à diretoria do Franca Aleixo franqueia informações. Já foi procurado para passar tudo isso para

um computador, mas é extremamente contra. “Se vier alguém aqui e eu souber que é para pôr na internet eu boto para correr. O que está lá não tem dono e ninguém sabe se é verdade”. O último projeto desse homem é organizar um “álbum de figurinhas” dos 331 jogadores que passaram por Franca, sendo que desse total, 34 eram estrangeiros. Recortando fotos das carteirinhas dos atletas ele praticamente completou todos. “Estão faltando alguns, mas eu já estou dando um jeito de localizar e mesmo com um pouquinho de trabalho vou conseguir o retrato de todos” explica confiante.

Aos 71 anos, Aleixo exibe um longo bigode, que faz parte de seu visual desde jovem. Quando Franca ganha alguma taça já é quase um ritual que ele vai ter seu companheiro arrancado. Já nem se lembra quantas vezes isso aconteceu, mas nem se importa com essa tradição dos jogadores, muito pelo contrário. “Já arrancaram na quadra, no restaurante em qualquer lugar. É uma forma de homenagem à cidade”.

Com quarenta anos de colaboração ao basquete não fala ainda em aposentadoria. Apenas reduziu as viagens, mas por um bom motivo. “Já fui com Franca em mais de 21 países e agora só vou quando eu acho que vai valer a pena”. Ainda assim, continua sob sua responsabilidade o uniforme, que sempre ficou guardado em sua casa. Vai aos treinos todo dia cedo e à tarde. Como não pode dirigir mais por causa da visão, vai ou de carona ou de mototáxi, mas sempre vai. Sua grande decepção é que o clube não tenha uma sede e um ginásio próprio. “Não é um clube organizado. Está em um antigo depósito da Prefeitura”.

Assim como Aleixo, Saiuri Yoshimura não é francana, mas acabou sendo contagiada pela paixão da cidade. Sonhando ser engenheira elétrica, saiu da vizinha Guará para estudar Eletrotécnica na Escola Industrial Júlio Cardoso em Franca. Enquanto se preparava para o vestibular, foi chamada para representar a escola nos Jogos da Primavera. Saiuri vinha de uma família ligada ao esporte e ainda em Guará já “brincava” de basquete. Aceitou o convite e o pessoal gostou de seu desempenho. Aos 16 anos, começou a treinar e participar do time da cidade.

Com muita persistência, passou a levar esses treinamentos a sério e a idéia de ser engenheira foi ficando cada vez mais distante. Começou a fazer Serviço Social na Unesp da cidade, mas acabou desistindo no último ano. Seu negócio era o esporte. Jogou mais de quinze anos em Jogos Regionais, Abertos do Interior, Série A-2 e até do Troféu Imprensa – que reunia as grandes equipes femininas do país - quando a cidade acabou sendo derrotada na final por Bauru. Ainda como jogadora, cursou Educação Física em Batatais e aprendeu a fazer as funções de mesária.

Parou de jogar em 1987 e no ano seguinte iniciou como professora do Sesi. Durante dez anos se dedicou ao trabalho de formação de centenas de crianças, entre elas a francana Adriana Moisés Pinto, que conquistou a medalha de Bronze na Olimpíada de Sidney. Dez anos depois, fundou a escola de basquete Lance Livre. Durante dois anos na base do "paitrocínio", essa escola representava Franca nos torneios de base. Visando uma melhor estrutura para esses novos talentos, Saiuri participou ativamente da criação da Associação de Pais e Amigos do Franca Basquete (ASPA).

Para participar como voluntária da ASPA, Saiuri pediu afastamento da função de mesária da FPB. "Não queria despertar dúvidas em ninguém". Atualmente, além dessa dedicação ao trabalho de base, que inclui uma atenção a crianças carentes, Saiuri é coordenadora de Estatísticas da CBB e da FPB das cidades de Franca e Ribeirão Preto. A função fez com que essa mulher sempre calma e sorridente passasse a ver uma partida de basquete de outra forma. "Torço para Franca continuar sua trajetória de conquistas, mas é de uma forma diferente. Aprendi a ver a partida de uma maneira fria e mais imparcial" explica Saiuri. Com isso, não tem uma relação direta com o FBC, mas está sempre pronta para ajudar a cidade que ela adotou. "Hoje não tem jeito de eu não ser francana".

Outro que tem sua vida diretamente ligada à evolução do basquete francano é Jovassi Correia Dias. Há quase 40 anos que a torcida ouve esse radialista entusiasmado nas partidas de Franca. Ainda menino, jogava o basquete nas quadras da Escola Industrial, mas até o dia 10 de março de 1962 nunca tivera maiores pretensões quanto ao esporte. Nesse dia, a convite de um amigo

jornalista, foi para São José do Rio Pardo acompanhar o Campeonato Euclidiano. Quando chegaram lá, o locutor ficou doente e este amigo pediu a Jovassi que transmitisse a partida, já que conhecia um pouco de basquete. O radialista conta com saudade como foi essa decisão que mudou a sua vida: "Fiquei assustado, mas aceitei o desafio. Na hora da partida, comecei a contar o que estava acontecendo mais ou menos como eu lembrava que Fernando Solera da Rádio Bandeirantes fizera nas transmissões do Mundial de 1959 que eu havia acompanhado. Quando voltei a Franca, a emissora havia recebido vários telefonemas elogiosos pela transmissão. Aí, não parei mais com a brincadeira".

O radialista é o único a ter transmitido todas as grandes conquistas do basquete francano. Até no Mundial de 1975, na Itália, quando isso parecia impossível pelas condições da época, Jovassi surgiu com os microfones da Rádio Difusora e assustou inclusive os diretores do Amazonas. "Ninguém esperava, mas foi a primeira transmissão ao vivo para o interior". Não foi fácil conseguir essa façanha. Tiveram que pedir autorização para o consulado, que interveio com a RAI. Através de uma parceria, foi possível a transmissão via Embratel por Ribeirão Preto. Todo o empenho e dedicação desse profissional foram reconhecidos pelo Jornal La Prealpina de Varese. Após a transmissão da vitória decisiva contra o Real Madrid, Jovassi foi chamado de "o pirotécnico radialista brasileiro".

O sucesso foi tão grande que Franca praticamente parava por volta das 12:30 para acompanhar as partidas, e a emissora reprisava à noite para os que não tinham conseguido ouvir no horário. Até hoje, é só olhar nas tribunas de imprensa no alto do Pedrocão que se verá uma cabeça grisalha mexendo freneticamente durante a partida.

Enquanto Jovassi fica em sua cabine, Jubileu Ferreira dos Santos, mais conhecido como Jubileu do Amendoim, percorre mais de quatro quilômetros entre as cadeiras e arquibancadas para vender seus saquinhos personalizados. O carimbo do momento é "Diga não ao Viagra. Diga sim para o Amendoim Torradinho e Salgadinho". O próximo será uma campanha para ajudar o basquete da cidade a enfrentar a crise financeira.

Com 13 anos, Jubileu já era vendedor ambulante nas partidas da quadra do IETC. Na época, vendia “puxa” e há mais de 40 anos começou a trabalhar com o amendoim. Para não atrapalhar ninguém, Jubileu não gosta de andar no meio da torcida. Caminha pelo anel de circulação, vai jogando os pacotinhos para cima e o dinheiro vem descendo de mão em mão. Isso só é possível, porque costura todos os saquinhos. Mais do que o dinheiro, Jubileu diz que a maior recompensa de seu trabalho é quando passa e a torcida grita sua marca registrada “oiiiiuiiiii”.

Jubileu não trabalha apenas no Pedrocão: também vai às partidas da Francana, no Estádio Lanchão. Quando lhe perguntam que esporte prefere, a resposta sai rápida: “No basquete são muitas jogadas que dão vontade de aplaudir. No futebol tem muito safado, xingamento e violência. No basquete são poucos os torcedores bobos”. Aliás, Jubileu fica em cima da torcida. Quando vê ex-jogadores como Guerrinha e Hélio Rubens serem vaiados, fica muito chateado e vem a bronca: “Já esqueceram as glórias que eles fizeram quando estavam aqui?”.

Apesar de estar a serviço, Jubileu sempre dá um jeito de assistir as partidas. Bem-humorado, diz que vê normalmente as “partidas ruins” porque é quando o ginásio está vazio. Para realmente acompanhar o esporte que aprecia, Jubileu viaja para assistir Franca em cidades do interior como Araraquara, Campinas, Ribeirão Preto e Bauru. Distribuindo amendoim entre os jogadores, o ambulante passou a ser uma pessoa conhecida e querida nos vestiários, tanto da equipe de Franca, como dos adversários. Foi dessa forma que conheceu Wlamir Marques, Ubiratan, Emil Rached, Rosa Branca e muitos outros. O vendedor se orgulha ao falar que tem o seu nome assinado no vestiário do Pedrocão.

Uma outra paixão desse mineiro nascido em Capetinga são os relógios de sol. Desde pequeno, quando ainda vendia “puxa” na praça central de Franca, observava o relógio construído pelo Frei Germano de Annecy, mas não entendia como se via as horas. Depois aprendeu, e em 1971, começou a estudar o relógio. Após sete anos conseguiu fazer uma réplica do original. Hoje, além de fazer a manutenção do relógio da praça Nossa Senhora da Conceição, Jubileu desenvolveu modelos próprios e já fez cinco unidades. Além desses relógios,

Jubileu confecciona miniaturas do relógio do sol. Uma dessas foi dada de presente para o Franca Basquetebol. É a forma que esse homem descobriu para retribuir ao que considera "o melhor basquete do mundo".

Além do Pedrocão, outro local em Franca que se tornou símbolo do basquete é o Restaurante Novo Barão e isso se deve à paixão de Marco Aurélio Magrin. O nome é pouco conhecido na cidade, já "Piu Piu" é respeitado e querido quando o assunto é basquete. O apelido vem do tempo de menino e se originou em uma aula de inglês. Pedido para ler a palavra "people", Magrin emitiu um som todo estranho, que após gozações dos colegas, ficaria sendo sua marca registrada.

Ter sido jogador foi algo que ajudou a popularização de Piu, que começou no IETC e participou da equipe inicial do Clube dos Bagres, mas teve que se aposentar prematuramente em 61 para "ganhar dinheiro". Depois de passar por várias ocupações, comprou em 70 o tradicional Restaurante Barão, que já existia há quase 15 anos. Nesse início, sempre conversava de basquete com os clientes, mas não ia muito além disso.

No início da década de 80, um primo de Piu foi para os Estados Unidos e, sabendo da paixão do parente pelo basquete, trouxe alguns pôsteres de jogadores da NBA como Michael Jordan, Magic Johnson, Isaiah Thomas e Dominique Wilkins. O impacto foi muito grande: "Hoje está cheio de meninos que têm até no quarto, mas naquela época era algo novo". Espalhou os quadros pelo restaurante e o retorno foi muito bom, com todos comentando e apreciando a nova decoração. Na próxima ida do primo, Piu encomendou outros, como forma de marketing.

Apesar da aceitação, alguns clientes reclamavam que havia apenas fotos de estrangeiros, o que era uma falta de respeito aos jogadores locais. Como no Brasil nunca tinham sido feitos pôsteres ou algo parecido, o assunto ficou no ar até que um dia, procurando nas pastas antigas do pai, Piu encontrou algumas fotos antigas de basquete do tempo da Cultura Física. Resolveu emoldurar essas fotos e pedir outras para o pessoal. Conseguiu algumas com o ex-dono do Jornal Comércio da Franca, Alfredo Henrique Costa. Juntou com algumas que tinha

guardado do período que havia jogado e o restante não podia vir de outra fonte senão do Professor Sérgio. Colocou tudo na parede do restaurante.

Muitos jogadores, árbitros e técnicos passaram a ser fregueses da casa e isso foi criando relações de amizade até curiosas. Robertão, que acabara de chegar em Franca, passou a freqüentar o Novo Barão. Junto com outros amigos, ficavam mais no balcão conversando com Piu do que propriamente comendo, já que as dificuldades financeiras do período eram muito grandes. Após um período, esse pessoal um pouco mais entumado passou a freqüentar a cozinha do restaurante e a se deliciar com a "soca" carinhosamente separada pelas cozinheiras. Esse prato nada mais era que tudo aquilo que não havia sido tocado nas bandejas. A "soca" foi servida tantas vezes que o pessoal já até sabia as preferências dos conhecidos. Quando entravam determinados clientes, já se ouvia lá no fundo do balcão: "Oba, hoje vamos comer camarão".

O ambiente, a localização e o bom atendimento dessa casa foram determinantes para o nascimento da "Mesa 11" na década de 70. Esse grupo era uma turma de amigos que se reunia após o trabalho para um "aperitivo", ou, como hoje é mais conhecido, um "happy hour". Na mesa meio ao fundo e próxima ao balcão, o assunto era sempre o mesmo: basquete. Com o passar do tempo, passaram a ser conhecidos como o pessoal da Mesa 11 e por idéia de um dos freqüentadores assíduos, Henrique Orlando Marconi, decidiram formalizar a fundação do grupo. Em 1974, houve uma festa de inauguração com discurso e nomeação de presidente. Se o grupo girava em torno do basquete é claro que o título seria do sempre dirigente do basquete Juca Vilhena.

A mesa era composta por 17 membros fixos, mas sempre havia mais gente. Era um grupo heterogêneo com profissionais de diversas áreas. Independente de serem engenheiros, médicos, comerciantes, fazendeiros, advogados, funcionários público, dentistas, todos eram, antes de qualquer coisa, aficionados do basquete. Com o passar do tempo, José Reginaldo Figueiredo, José Ferraz de Camargo, Fausto Sandoval, Eriberto Araújo, Ivo Scarabucci e João Afonso Costa deixaram de estar presentes. Mesmo assim, o grupo se reúne até hoje, ainda que com menos assiduidade. Os remanescentes são Juca Vilhena, Henrique Orlando

Marconi, Túlio Cícero Barros Conceição, Antônio Carlos Ewbank Seixas, José Valentim Borges, Antônio Borges, Aníbal Vilela Moreira, Ramize Abdala, Norival José de Freitas Diniz, João Carlos Messias e Maurício Toffano.

Toffano explica que mais que um grupo de amigos que se atualiza sobre o basquete e cultiva essa paixão, a Mesa 11 sempre teve uma participação ativa no histórico da equipe. Ele recorda uma passagem muito significativa dessa colaboração. "Franca iria sediar a Taça Brasil e o Emmanuel faliu a poucos dias da competição. No meio da indecisão, Juca Vilhena veio e convocou a Mesa 11 para assumir a organização. Os engenheiros acrescentaram fileiras de arquibancadas no Clube dos Bagres. Eu e outros companheiros vendemos os ingressos na rua e havia até um pessoal para levar lanches nos hotéis após as partidas". A competição foi realizada com tanto sucesso, que todos os representantes da Mesa 11 ganharam medalhas de campeões nacionais do Presidente da CBB.

Por tudo isso, a ligação do restaurante Novo Barão com o basquete é inevitável. O proprietário explica que é muito comum a diretoria trazer os novos jogadores ao restaurante durante o período de negociação. "Acho que é até uma forma de impressionar os jogadores e mostrar que a cidade realmente vive do basquete" argumenta Piu, enquanto aponta com orgulho a mesa em que foi acertada a vinda do último contratado de Franca - o armador Fúlvio. A comemoração no local após uma grande conquista também passou a ser quase uma tradição. Na conquista do Paulista de 2000, havia mais de 150 pessoas, entre famílias, amigos e convidados.

Essa relação com o basquete, que até trouxe benefícios financeiros, não pode ser vista como uma estratégia de marketing. É algo natural que apenas reflete uma característica marcante de Piu Piu: ser torcedor apaixonado. Ele, que acompanhou e viveu de perto o início, faz uma análise do basquete francano. "Entre muitos, o basquete se deve a três pessoas. Primeiro, o Pedroca, que foi o pai de tudo. Em segundo, o Sr. Juca Vilhena, que deu a sustentação financeira; e em terceiro o Hélio Rubens. Se não tivesse um craque logo de cara para entusiasmar os outros meninos, a cidade não ia despontar". Mais que saber de todas as novidades, não só do Franca, mas do basquete brasileiro através de

seu convívio do Novo Barão, Piu faz questão de ir ao Pedrocão. Sócio-torcedor, vai a quase todos os jogos e tem uma honrosa missão: levar o Sr. Juca Vilhena, que aos 86 anos, ainda faz questão de prestigiar “os meninos” de perto.

Base do Futuro

Se Juca Vilhena representa todo o passado de glórias e conquistas da cidade, as escolinhas de basquete – cada vez em número maior - são a certeza de que no futuro a cidade vai manter sua tradição de grandes equipes e berço de craques. Além do envolvimento de Franca com o basquete, as escolinhas surgiram do declínio das aulas de Educação Física nas escolas.

A primeira escolinha a surgir foi a Clínica Francana de Basquetebol (CFB) em 1984, resultado de uma sociedade entre Carlos Rodrigues, Jorge Guerra e José Celso Ramos, mais conhecidos como Carlão, Guerrinha e Botta. Durante 10 anos, a CFB funcionou em um local cedido pela Prefeitura. Hoje, a sede própria tem toda a infraestrutura: há uma quadra coberta com controle da altura da tabela, tabelas laterais móveis, além de um salão da fama com taças, camisas, objetos de jogadores famosos e um quadro com a assinatura de grandes esportistas não só da cidade, mas do país, como Paula, Hortência e Oscar.

Até por ser a mais antiga, a CFB é a escolinha com o maior número de alunos. São cerca de 490 meninos e meninas entre 5 e 16 anos. A turma dos menores parece realmente apenas uma brincadeira, mas aos poucos as crianças vão pegando o gosto em ficar batendo uma bola no chão e jogando para o ar, e quando percebem já estão praticando o basquete. Além do trabalho de base, são formadas na Clínica equipes que disputam a Liga Regional. Hoje a CFB disputa cinco categorias masculinas e três femininas entre 11 e 15 anos, além de ter o Infante disputando o Campeonato Estadual.

O sucesso dessa escola no processo de formação de novos atletas não se restringe apenas a Franca. Nas férias há vários professores e técnicos que vêm fazer cursos de especialização. Além disso, crianças de clubes e escolas vêm ficar alguns dias ou até semanas na cidade para se aperfeiçoarem. Apesar de ser um

projeto privado, a CFB não esquece o aspecto social do esporte. São oferecidas bolsas de 50% ou até integrais para diversas crianças carentes. Mais do que as bolsas, foi criado o projeto "Adote um Talento", em parceria com outras empresas da cidade. Nas escolinhas da prefeitura, as crianças que mais se destacam são encaminhadas para a CFB através desse projeto, e além da especialização no basquete, recebem acompanhamento médico, odontológico, transporte e alimentação.

Outro projeto desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal foi a colocação de 150 tabelas nas ruas da cidade no início da década de 90. Essas tabelas de fibra de vidro foram importadas dos Estados Unidos e são específicas para resistir às adversidades de chuva e calor. Até a redinha é de corrente. A CFB ainda comercializa essa tabela para quem quiser praticar o esporte em casa ou em uma chácara. Não houve continuidade desse projeto, mas muitas dessas tabelas ainda continuam servindo à comunidade francana em ruas e praças. O resultado do trabalho da CFB já está não apenas na equipe de Franca, mas em outros locais como Bauru e São Paulo. Para Botta o fato de muitos dos alunos de hoje serem filhos de antigos frequentadores da CFB é muito gratificante.

Nas escolinhas da Prefeitura os praticantes chegam a mais de 450 meninos e meninas. As turmas estão em sete lugares espalhados, que cobrem quase toda a cidade. Além dos ginásios municipais e das quadras externas do Poliesportivo, há parcerias para a utilização das quadras descobertas do Clube Internacional e de uma quadra particular. O perfil dos alunos é de crianças entre 7 e 14 anos, de classe média e baixa. Cada turma tem aula duas vezes por semana e ao todo oito professores ministram essa atividade gratuita. Após as escolinhas, os alunos que se destacam recebem bolsas para se transferirem para a CFB. Ao todo a Prefeitura tem 50 vagas para os meninos e 20 para as meninas.

A mais nova escolinha da cidade faz parte da academia Ginástica e Cia., do francano e ex-jogador Fantinha. Por enquanto são 60 alunos entre 8 e 16 anos, divididos em três turmas masculinas e femininas. O proprietário explica que para aumentar essa quantidade seria necessário cobrir a quadra e isso deve ocorrer até o fim do ano. "Com o sol do dia, fica difícil eu atrair novas turmas".

A Lance Livre, escolinha da obstinada Saiuri, é outra com um bom número de praticantes - mais de 300 alunos. Como o objetivo é dar uma chance de os "pequenos" se desenvolverem no basquete, sempre que possível a proprietária oferece bolsas. Além de não ter retorno financeiro, Saiuri tem inclusive um custo para manter esses meninos carentes. Como a escolinha funciona nas dependências do Sesi, os alunos são obrigados a serem sócios. Então é Lance Livre que paga a mensalidade dos bolsistas e assim, mais que o basquete, esses meninos carentes passam a ter direito de desfrutar das demais dependências.

As atividades dessa escola não se restringem apenas às aulas de formação. Há três equipes de treinamento feminino que utilizam as quadras descobertas do clube. Essas meninas estão disputando a Liga Regional, mas por enquanto não têm nenhum patrocínio. Já está em estudo desvincular essas equipes da escola. Elas passariam a fazer parte da Associação de Pais e Amigos do Franca Basquete (ASPA), mas com um patrocínio independente das equipes masculinas.

A ASPA, apesar de não ser uma escolinha, tem uma participação muito importante para a continuidade do basquete na cidade. Essa associação foi fundada no final de 1998 e surgiu de uma parceria entre o FBC, a Escola Lance Livre e colaboradores como Hélio Rubens, Chuí e os professores Michel Cury e Saiuri. O objetivo principal desse grupo de voluntários é promover e estimular categorias de base competitivas.

Atualmente são 105 atletas entre 12 e 17 anos que participam dos campeonatos da FPB em seis categorias. O Juvenil antes também pertencia à ASPA, mas, devido ao alto custo, foi encaminhado para o FBC. Apesar do curto período de tempo, os resultados já começaram a acontecer. Além de muitos títulos regionais, no ano passado as categorias Pré-Mini e Mini foram campeãs do interior. Classificaram-se para a fase final em São Paulo, onde acabaram na terceira colocação.

A maioria dos atletas da ASPA são encaminhados através da Lance Livre. Além disso, ocorre todo início de ano um "peneirão" para identificar novas promessas. Durante 15 dias são realizados testes com mais ou menos 300

crianças. Além da habilidade, a altura é um quesito predominante nessa seleção. A maior parte dos jogadores é de Franca, mas quando há condições financeiras a ASPA traz meninos de fora e oferece alojamento e alimentação. Atualmente existe apenas Raul, que veio de Uberlândia, e além de jogar no cadete da ASPA, já está integrando o juvenil e a equipe principal.

Toda essa estrutura bem sucedida tem um custo médio mensal de R\$ 10.000,00. Atualmente a ASPA é patrocinada pela CTBC/Telecom. Recebe apoio médico da Unimed, fisioterapêutico da Unifran e utiliza para treinamento as instalações do Sesi. Tem ainda uma receita proveniente de faixas publicitárias no Ginásio Pedrocão e o direito de venda de 100 cadeiras de sócio-torcedores.

Mais que os bons resultados competitivos e a revelação de jogadores de elite, a ASPA está preocupada com o aspecto social e a formação do cidadão. Em 2001, em parceria com o Instituto Pró-Criança, foi criado o projeto "Esforço e Disciplina – Um Espetáculo de Exemplos". Ao todo, foram 25 apresentações em escolas da rede pública de Franca.

A apresentação de estréia aconteceu em outubro de 2001 e não podia ser em outra escola, senão naquela onde tudo começou: o IETC. Além dos treinamentos da ASPA, houve apresentações de danças e ginástica de sete academias da cidade. O encerramento do espetáculo foi um exemplo de superação e persistência, com a apresentação do aluno da APAE, Anderson de Oliveira, numa emocionante coreografia acompanhada pela sua professora. Mais que algumas horas de diversão, essas apresentações incentivam uma vida saudável através do basquete e de outros esportes.

Além das escolinhas, há muitos incentivadores nas ruas. Um desses projetos surgiu de um grupo de mães do bairro Jardim Petraglia. Em 1998, preocupadas com a educação de seus filhos adolescentes, criaram o "Basquete de Rua". Com o apoio de dois técnicos começaram a reunir meninos e meninas entre seis e 14 anos. Sem local para treinar, o projeto só pôde ser viabilizado com a ajuda de um Procurador do Estado, que durante dois anos emprestou uma quadra particular. O "convênio" só foi interrompido quando a quadra foi demolida.

A solução desse impasse surgiu na própria comunidade. Através de uma participação da Prefeitura, foi construída em mutirão uma quadra poliesportiva.

Todos os sábados de manhã ocorre nessa quadra o trabalho de formação com as crianças entre 9 e 13 anos. Além do basquete, elas também estão tendo aulas de futebol, tanto os meninos quanto as meninas. Os adolescentes até 16 anos treinam também no sábado de manhã, só que no Colégio Champagnat. Os “adultos” - maiores de 16 anos – utilizam a quadra da CFB nos domingos à tarde. A parceria com a Clínica permite que muitos participantes do “Basquete de Rua” sejam integrados ao Projeto “Adote um Talento” ou que recebam bolsa de 50 %.

O projeto, que começou como uma maneira de divertir os jovens e afastá-los da rua, foi crescendo e atualmente, além do basquete, oferece aulas de computação gratuita e está para iniciar um trabalho com lixo reciclável no bairro. Além disso, o “Basquete de Rua” promoveu em 2001 o I Campeonato de Basquete de Bairros de Franca, que contou com a participação de seis equipes. Em todas essas escolinhas e projetos, o que chama atenção é o tratamento diferenciado que recebem o basquete masculino e o feminino.

Francanas querem mais apoio

O que acontece que a Capital do Basquete nunca teve uma equipe feminina de elite? Será que apenas os meninos se interessam pela modalidade? Um questionário realizado por esta reportagem com 473 estudantes de 6^a. e 8^a. séries em seis escolas da cidade mostra que as meninas se interessam, sim, mas 72% das entrevistadas sentem a falta de um maior incentivo para que elas também possam representar a cidade.

Desde o início, na década de 20, as meninas também praticavam o bola ao cesto na Escola Normal. Algumas tiveram projeção nacional, como Maria Helena Barbosa e as irmãs Rute e Laís Pandolfi, que foram campeãs brasileiras por São Paulo em 1940. Na década seguinte Luzinete Cortez saíria de Franca para ser campeã nacional pelo Sírio. Depois disso, a cidade esteve sempre participando dos Jogos Femininos Regionais e Abertos, mas sempre com muito

mais dificuldade que o masculino. Saiuri, que sempre acompanhou de muito perto as barreiras para as mulheres, considera que as causas estão muito mais na mentalidade da cidade do que na falta de entusiasmo das meninas. "Se o masculino, que tem toda uma tradição, está sempre enfrentando dificuldades financeiras, as meninas, apesar de se interessarem muito, nunca tiveram espaço para se desenvolverem". Um outro fator apontado por Botta seria uma visão do basquete como um esporte masculinizado e com muito contato físico: "A mentalidade provinciana é ainda muito forte em Franca, apesar de já ser uma grande cidade".

Talvez como reflexo disso, o questionário escolar mostra que uma em cada duas adolescentes francanas pratica o basquete, mas como uma visão diferente da dos meninos. Enquanto 28% dos meninos que jogam basquete pretendem se tornar profissionais, entre as mulheres, mais de 90 % o praticam apenas por diversão.

Dessa forma, a francana que realmente quer levar o basquete a sério tem que sair da cidade. É o caso de Adriana Moisés Pinto, que depois de iniciar nas escolinhas do Sesi jogando de tudo, passou a se destacar tanto no handebol quanto no basquete. Aos 14 anos optou pelo esporte francano e foi jogar em Campinas. Agora, com 22 anos, Adrianinha ganhou destaque internacional ao jogar pelo Phoenix Mercury, da WNBA. Mas o grande feito dessa rápida amadora foi ser a primeira francana a participar de uma Olimpíada. Mais do que apenas participar, Adrianinha conquistou a medalha de bronze em Sidney. Mesmo com esse referencial de sucesso, as meninas continuam se destacando muito mais pelo empenho como torcedoras.

Chama que não se apaga

A torcida francana foi sendo construída ao longo do tempo e sente que construiu junto com os jogadores a história da equipe. Assim como no futebol, torcer para Franca é algo que vem sendo passado adiante há três, quatro gerações e isso cria uma ligação muito forte. É muito comum ver avós no

Pedrocão, levando e ensinando meninos pequenos sobre as particularidades que tomam o basquete um esporte tão apaixonante.

Com três ou quatro anos, a criança já é levada ao ginásio e ganha uma bola de basquete. Começa a jogar na escola, se entusiasma, entra em uma escolinha de basquete e o vínculo já está formado. Com o aprendizado dos fundamentos e o contato com a regra, o grupo de crianças e jovens se transforma em uma torcida diferenciada que sabe realmente o que está acontecendo em quadra. “É por isso que o jogador compra a briga e quer fazer uma jogada diferente, porque sabe que vai ser reconhecido” explica Chuí.

A participação em Franca é tão grande que é até complicado para os jogadores andarem pela rua no dia seguinte a uma derrota. Não que eles sejam hostilizados, mas são chamados a dar explicações que convençam esses “conhecedores do basquete”. Robertão, que sempre teve uma afinidade muito grande com a torcida, recorda de quando ia para a praça – o centro do burburinho - ouvir os comentários, as manifestações de apoio e mesmo as críticas. “O torcedor quando não dá para bater palma tem mesmo o direito de criticar, desde que seja feito com base. Mas isso o francano tem de sobra”.

A imprensa local também contribui para o aprendizado dos torcedores. Franca é a única cidade do Brasil em que existem três ou mais emissoras de rádio transmitindo as partidas, inclusive quando a equipe não joga na cidade. Essa facilidade faz com que muitos torcedores vão ao Pedrocão com seus radinhos de pilha, como se estivessem indo a um estádio, onde esse procedimento é muito comum. O torcedor Denilson de Lima Lopes, de 33 anos, diz que acompanha mais de 80 % das partidas em Franca, sempre grudado a um radinho de pilha. “É para saber alguns detalhes do que é falado nos tempos e os resultados das outras partidas”.

Todo esse conhecimento e envolvimento fazem com que a torcida seja realmente o sexto jogador da equipe. Tom Zé por muito tempo sentiu o apoio dessa massa, mas hoje sente a pressão como técnico da Uniara. “Não é uma torcida comprada e está em qualquer lugar. Se tiver 15 francanos contra 2.000

pessoas, pode ter certeza que eles vão dar trabalho porque sabem a hora e a forma de apoiar o atleta, cobrar o árbitro e irritar o adversário”.

Apesar da paixão pelo basquete, há também espaço no coração do francano para torcer por uma equipe de futebol. Quase 90 % dos estudantes entrevistados sofrem e se alegram pelas grandes equipes da capital e até por alguns times de outros estados, como Flamengo, Vasco e Cruzeiro. Porém o basquete continua sendo prioridade. Perguntados se preferem ver seu time de futebol ser campeão brasileiro ou Franca ser campeã nacional de basquete, 70% escolheram a segunda opção. A maior parte das justificativas dessa escolha se refere ao amor à cidade. Quando o basquete vence, é Franca que é reconhecida. Já no futebol, como a equipe local – Francana – não anda bem das pernas, a conquistas dos grandes clubes nada refletiriam para a Capital do Calçado.

Essa preferência pelo basquete só acontece quando o assunto são equipes. Se falar de Brasil, o futebol volta a ser soberano. 68 % torcem mais para o país no futebol contra apenas 17% que se entusiasmam mais pelo basquete. O restante se divide principalmente entre vôlei e tênis. Apesar dessa diferença, 49% dos entrevistados francanos assistem aos jogos das seleções de basquete.

Para verificar o conhecimento diferenciado do torcedor francano, um questionário semelhante também foi passado em escolas de São Carlos, que é uma cidade parecida com a Capital do Calçado e que teve uma ligação muito forte com o basquete – anterior a Franca inclusive – mas que não conseguiu se manter ao longo do tempo e hoje mantém apenas a Escolinha de Basquete Meneghelli, com cerca de 80 alunos. Nas duas cidades, Oscar foi escolhido pelos estudantes como o melhor jogador de basquete do Brasil, só que em Franca 25% escolheram outros jogadores como Marcelinho, Demétrius, Helinho, Chui e Anderson Varejão. Em São Carlos, fora os votos para o Mão Santa, 36% não sabiam ou não responderam e houve apenas três votos para o conterrâneo Nenê, que depois de ficar sete anos no Meneghelli, foi para o Vasco e se tornou uma das grandes promessas do Brasil.

O acompanhamento dos francanos não se restringe ao basquete nacional. O questionário indica que eles também estão bem por dentro do que acontece na

NBA. Em São Carlos, a escolha do melhor jogador do mundo circulou apenas entre Michael Jordan e Shaquille O'Neal. Já em Franca veteranos como Scott Pippen, John Stockton, Karl Malone e novas estrelas como Allan Iverson, Vince Carter e Koybe Bryant foram lembrados. Ainda sim, Jordan – que há três anos não jogava, mas decidiu retornar no início da temporada 2001/2002 com 38 anos – continua sendo o preferido. Nas duas cidades, teve cerca de 55 % da preferência.

Ainda que a paixão não seja suficiente para o esporte moderno, o envolvimento da torcida sempre vai ser imprescindível para o sucesso de uma equipe. Nesse sentido, Franca continua sempre à frente de seus oponentes. Numa das primeiras partidas do Campeonato Paulista desse ano, Cairo Melo Pinheiro, de apenas dois anos, aproveitava as arquibancadas meio vazias do Pedrocão para ficar correndo de um lado para o outro, enquanto os pais tentavam prestar atenção na partida. Desde um ano e meio de idade, Cairo já vinha às partidas, mas como era nas fases finais, a torcida fazia muito barulho e os pais tinham que levar embora o menino assustado. Agora ele nem liga. Em meio a suas andanças pelo ginásio, pára e pede um arremesso de três – sua jogada preferida. Depois bate palmas e o pé freneticamente, junto com a torcida que aplaude um lance livre convertido. Apesar de muito pequeno, já possui uma cestinha em casa e adora jogar o esporte na escolinha. Influenciado pelo pai, torce para o Corinthians, mas perguntado qual esporte prefere, faz uma cara de desdém e diz: "Futebol não. Quero ser jogador de basquete".

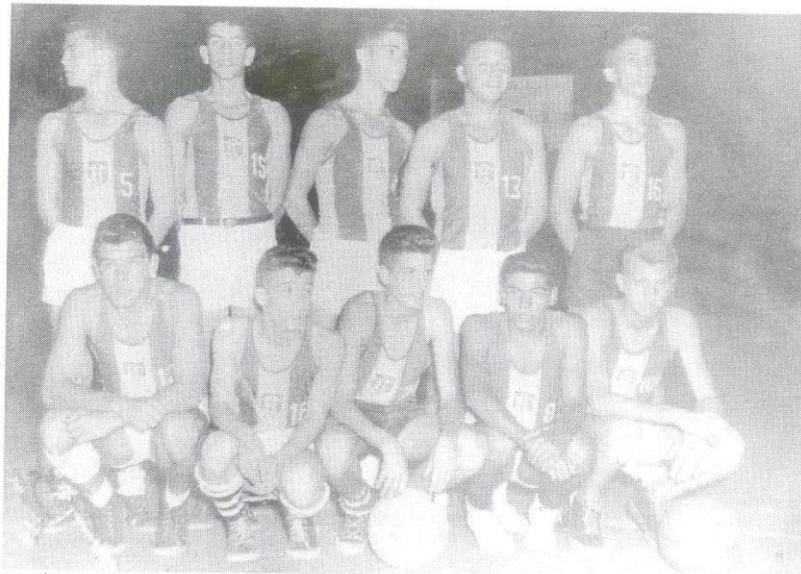
Anexo



1º quadro do Rio Branco (1931). Em pé: Luís, Nicola e Gino; sentados: Carmo, Paulo e Magalini.



Equipe da Chevolet em 1931. Atrás: Conceição e Molecão; frente: Peru, Cachoeira e Azogue.



Jogadores do IETC no início da década de 50 com os uniformes que imitavam o da seleção brasileira.



Equipe que representava a cidade em disputas regionais no início da década de 50.



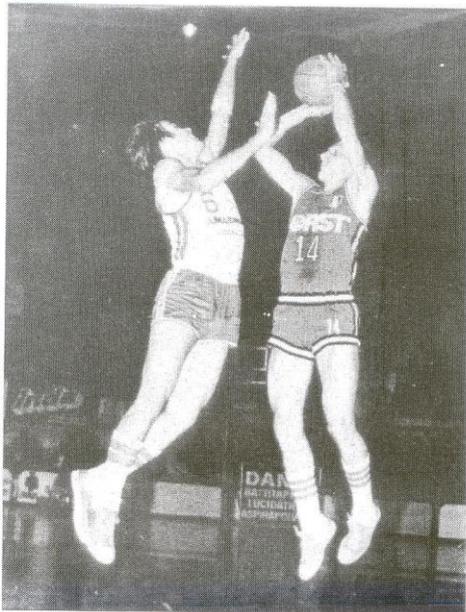
Delegação de Franca nos Jogos do Obelisco de Uberlândia em 57. Em pé: Costa, Xavier, Miranda, Andalafti, Agostinho, Dopp, Vilhena; agachados: Faria, Bittar, Damasceno e Pedroca.



Membros da equipe de Franca em excursão a Igarapava em 1958. Em pé: Ivan de Luca, William Vanderlei e Piu-Piu; agachados: Paulo e Hélio Rubens.



Equipe "titular" do Clube dos Bagres em 1959: Heraldo, Wilson, Chico Damasceno, Catiê e Hélio Rubens.



Lance do jogo entre Franca e Birra Forst no Mundial de 1975, em Varese na Itália.



Família Garcia em 98: Hélio Rubens, Totô, Helinho, Chico Cachoeira e Fransérgio.



Time bicampeão nacional 97/98. Em pé: Demétrius, Ricardo, Rogério, Vargas, Morgan, Fábio Pira; agachados: Jorginho, Helinho, Guilherme, Chui; e Gilsinho.